

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA**

ILÉIA MARIA DE JESUS PINTO

**A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR: COMUNIDADES DE
PESCADORES NA CIDADE MANAUS – AM**

Manaus-Am, Dezembro, 2010.

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Pinto, Iléia Maria de Jesus

P659r A (re) significação do lugar: comunidades de pescadores na cidade Manaus - AM / Iléia Maria de Jesus Pinto. - Manaus: UFAM, 2010.

106 f.: il. color.; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas, 2010.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Amélia Regina Batista Nogueira

1. Geografia cultural 2. Identidade social 3. Pescadores – Manaus – Vida e costumes sociais 4. Mudança social I. Nogueira, Amélia Regina Batista II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU (1997): 911.3(043.3)

ILÉIA MARIA DE JESUS PINTO

**A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR: COMUNIDADES RIBEIRINHAS
NA CIDADE MANAUS – AM**

Dissertação de Mestrado do
Curso de Pós-Graduação em
Geografia, para obtenção do
Título de Mestre em Geografia
na área de concentração:
Amazônia, Território e
ambiente.

Prof^a Dr^a Amélia Regina Batista Nogueira
Orientadora

Manaus/Am – 2010

ILÉIA MARIA DE JESUS PINTO

**A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR: COMUNIDADES RIBEIRINHAS
NA CIDADE MANAUS – AM**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção de título de mestre em Geografia, na área de concentração: Amazônia, Território e Ambiente, à comissão julgadora da Universidade Federal do Amazonas.

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Amélia Regina Batista Nogueira – UFAM
Presidenta

Membro 01

Membro 02

Conceito: _____

Manaus-AM, ____ de dezembro de 2010.

MODOS DE VIDA

P. Defontaine.

*Conhecer é ver e analisar as paisagens,
Entender os modos de vida, compartilhar das
Esperanças e angústias das regiões visitadas, é
Incorporar-se a um pedaço do solo e a um
Grupo de homens, e tornar-se assim mais
Largamente humano, compreender melhor o
Duro trabalho do homem sobre a terra.*

DEDICATÓRIA

A Deus autor supremo da vida e sabedoria por excelência, à minha saudosa mãe Maria da Conceição e aos meus filhos Jéssica Cristine, Marcos Vinícius e Glória Maria pelo verdadeiro amor que move moinhos. E, a todos que de alguma forma fizeram parte desta minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão a Deus pela presença constante em todos os momentos de minha vida.

Aos meus saudosos pais: Maria da Conceição e Percílio, hoje no convívio dos eleitos, na eternidade, meus agradecimentos pela vida, por mais esta conquista a qual a eles dedico.

Filhos queridos: Jéssica Cristine, minha parceira de todas as horas; Marcos Vinícius e Glória Maria, carinhosamente Glorinha, a vocês que convivem comigo diariamente e que acompanharam bem de perto minha luta; o meu cansaço no decorrer dos meus estudos, procurando compreender-me, sem me impedirem jamais, de estudar, de pesquisar, de ver meu sonho, que também é de vocês, realizado, encorajando-me a ir adiante...o meu abraço de reconhecimento e maternal gratidão.

Às minhas irmãs Evanilde, Eunice e Inalda, por todo apoio recebido, o meu carinhoso e sincero: muito obrigada!

Aos demais familiares, em especial minhas sobrinhas Líbia, pela inspiração, e a Jeanne pela presença indispensável nesta caminhada.

Ao meu companheiro e amigo Mauro Cesar, que mesmo diante das tempestades da vida, me apoiou e acreditou no meu sucesso. Muito obrigada!

A vocês, meus amigos queridos, a minha eterna gratidão, sem vocês minha trajetória tornar-se-ia muito mais íngreme. Em particular à caríssima amiga e irmã Maria Katherine; ao Ricardo, à Karol, ao Sebastião, à Rozinei e Diane pelo incentivo, paciência e dedicação; gestos concretos que muito contribuíram para não estacionarmos no meio da estrada.

Caríssimos Professores *o ponto de partida é o desejo de aprender; o de chegada ultrapassa nossos limites humanos...* partindo desse princípio apresento a vocês a minha profunda gratidão pela dedicação e o tempo a nós disponibilizado.

À minha abnegada orientadora também inspiradora, Professora Dra. Amélia Regina Nogueira que, com orientações constantes, apostou em mim, valorizando a minha capacidade humana, fazendo-me crer que educar é *preparar homens e*

mulheres para a vida, estendendo-lhes a mão amiga; por tudo isso e, muito mais, o meu reconhecimento. Muito obrigada professora! Muito obrigada!

Aos meus inesquecíveis colegas de curso que juntos compartilhamos, apoiando-nos mutuamente, o meu saudoso abraço, reafirmando o carinho que conservarei por cada um. Que nos corredores da vida possamos nos reencontrar. Boa sorte e sucesso para todos!

À nobre Instituição de Ensino Superior: Universidade Federal do Amazonas – UFAM, que sempre manteve abertas suas portas para todos aos que precisarem de sua colaboração, quer nos seus laboratórios, bibliotecas ou outras fontes que possam auxiliar a evolução de pesquisas científicas, em prol do bem comum, o meu reconhecimento, meu voto de louvor e o meu muito obrigado!

Aos pescadores das Comunidades Vila da Felicidade e Comunidade Onze de Maio, por nos acolher, contribuindo de forma efetiva para a pesquisa, obrigada por nos abrirem as portas com receptividade e a hospitalidade típica desse povo acolhedor que é o ribeirinho.

SUMÁRIO

RESUMO	
Abstract	
INTRODUÇÃO.....	10
1. CAPÍTULO I - COMUNIDADES RIBEIRINHAS: NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA CULTURAL	15
1.1 Caboclo ou Ribeirinho? Uma questão de Identidade.....	22
1.2 Comunidades Ribeirinhas na cidade: Um “lugar” de vida para os pescadores.....	26
1.3 O Lugar e o Espaço vivido dos pescadores citadinos.....	29
2. CAPÍTULO II: AS ÁGUAS, O HOMEM E A PESCA NAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS.....	35
2.1 A imagem simbólica das águas na Amazônia na percepção do ribeirinho.....	36
2.2 As águas comandam a pesca na Comunidade Vila da Felicidade – Mauzinho e na Comunidade Onze de Maio – Colônia Antônio Aleixo.....	41
3. CAPÍTULO III - ENTRE O URBANO E O RURAL: A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR DE VIDA DOS PESCADORES DE MANAUS.....	74
3.1 A influência do urbano nos modos de vida dos pescadores da Comunidade Vila da Felicidade e da Comunidade Onze de maio.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	97

RESUMO

Esta dissertação foi fundamentada numa abordagem cultural dentro da geografia e teve como base de sustentação a fenomenologia que busca por meio da experiência humana, individual, e cultural dar sentido ao espaço percebido tal como ele se apresenta, destacando a intencionalidade da percepção, buscando reconhecer possibilidade metodológica na ciência geográfica centrada na percepção do mundo vivido dos ribeirinhos que vivem na cidade, em particular os pescadores citadinos. Diante deste quadro, também foi valorizada a questão da identidade, pois a (re) significação de um lugar revela-se na existência de uma identidade.

Para os povos indígenas a pesca se destacava como uma das principais práticas de subsistência associada às demais atividades extrativistas e agrícolas. Essa herança cultural ainda se faz presente nas Comunidades Ribeirinhas do interior do Estado. Dessa forma, foi buscado compreender o lugar a partir da cultura ribeirinha presente na cidade, quais resistências culturais ainda persistem para aqueles que vieram do interior do Estado do Amazonas e de outros Estados do Brasil para as Comunidades Ribeirinhas localizadas nos arredores da cidade de Manaus, e quais as influências da cultura urbana contribuíram para uma nova configuração dos modos de vida dos pescadores que aqui vivem.

PALAVRAS CHAVES: Geografia Cultural, modo de vida, cultura ribeirinha, identidade, lugar.

ABSTRACT

This thesis was based on a cultural approach in geography and had the support base phenomenology that seeks through the human experience, individual and cultural make sense of the perceived space as it is presented, emphasizing the intentionality of perception, trying to recognize the possibility methodology in geographical science focused on understanding the lived world of riverside living in the city, particularly fishermen cities. This picture, was also valued the question of identity, as the (re) meaning of a place is revealed in the existence of an identity.

For indigenous fishing highlighted as a major subsistence practices associated with agricultural and other extractive activities. This heritage is still present in the Riverine Communities in the state. This way, we sought to understand the place from the culture in this riverside city, what cultural resistance still exist for those who came from the interior of Amazonas state and other states of Brazil to the Riverside Communities located near the city of Manaus, and with the influences of urban culture have contributed to a new configuration of live of fishermen who live here.

KEY WORDS: Cultural Geography, phenomenology, riverside culture, identity, fishing, place.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa partiu da reflexão iniciada no trabalho de especialização que resultou na monografia intitulada “Entre o urbano e o rural: o caso Vila da Felicidade”. Foi a partir de um olhar mais “demorado” sobre uma pequena parcela do rural na cidade de Manaus-Amazonas que percebemos a presença da cultura ribeirinha na cidade.

Partindo dos elementos da natureza como: rios, igarapés, lagos e florestas; presentes na Comunidade Vila da Felicidade – Mauzinho (Manaus-Am) nos arredores da cidade, que observamos primeiramente os modos de vida e os aspectos culturais dos habitantes deste lugar. Diante deste quadro buscamos também conhecer outros lugares com os mesmos aspectos em Manaus. Referimo-nos a “estes lugares” como Comunidades Ribeirinhas Citadinas, e nos concentramos nos grupos de pescadores citadinos¹ que aí vivem.

Uma reflexão mais minuciosa sobre a presença da cultura rural no urbano nos conduziu aos objetivos desta pesquisa: Identificar a presença de pescadores observando a relação da cultura ribeirinha com as atividades realizadas nas Comunidades ribeirinhas citadinas nos arredores da cidade de Manaus, particularmente as Comunidades Vila da Felicidade e Comunidade Onze de Maio localizada no bairro Colônia Antônio Aleixo.

Partimos do pressuposto que estudar o lugar é buscar conhecer muito mais que o espaço geométrico. É conhecê-lo a partir do sujeito que vivencia o lugar. Essa proposta se consolidou na perspectiva humanista, que foram retomadas pela geografia. De acordo com Gomes (1996, p.310) “o espaço e suas propriedades, distância, fluxo, hierarquia possuem um sentido que não se reduz a medidas numéricas... O espaço é sempre um lugar... uma extensão carregada de significações variadas”.

Diante deste quadro, buscamos fundamentar esta pesquisa recorrendo a autores que discutem uma abordagem cultural dentro da Geografia. A discussão

¹Para Furtado (1993, p.363) a categoria pescador citadino e, no seio da pequena produção pesqueira, uma categoria que emerge do próprio processo de transformação dos varjeiros. Para este autor são as necessidades sofridas pelas condições de vida nos lugares de moradia anterior que fazem com que o ribeirinho migre para a cidade em busca de recurso para ganhar dinheiro e educar os filhos. E das antigas combinações, principalmente agricultura e pesca, passam a viver da pesca.

teórico-metodológica está centrada na abordagem da geografia cultural, e tem como base de sustentação a fenomenologia, que busca a descrição direta da experiência tal como ela se apresenta.

Entre os autores que discutem essa abordagem, apontamos Nogueira (2001) que valorizou em suas pesquisas as experiências concretas do homem com o mundo. De acordo com Holtzer (1993) coube a Edward Relph (1970) a primazia de explorar, em um pequeno artigo, as possibilidades da fenomenologia como aporte filosófico capaz de unir os geógrafos culturalistas interessados na percepção ambiental. Ele observou que a fenomenologia tivera um impacto considerável no estudo da percepção humana pelos psicólogos sociais, podendo contribuir para o desenvolvimento de uma bagagem filosófica para as aproximações humanista na geografia.

Relph observou que os conceitos filosóficos poderiam fornecer novas maneiras de se encararem as relações do homem com o ambiente, além de mostrar as limitações dos métodos quantitativos e positivistas. Neste sentido, Holtzer enfatiza a necessidade de se desenvolverem métodos alternativos que unissem os geógrafos culturalistas, dedicados às relações subjetivas do homem com a natureza.

Diante dessa proposta, levamos em conta a descrição do sujeito que vive o fenômeno, no caso, os pescadores das Comunidades Vila da Felicidade e Onze de Maio.

Caracterizar as áreas da pesquisa foi uma de nossas preocupações, pois a existência de espaços que lembram, ao mesmo tempo, o urbano e o rural, foi o elemento primordial para pensarmos esta pesquisa. As paisagens das Comunidades estudadas, embora na cidade, dispõem de elementos da natureza que lembram as paisagens rurais.

Diante deste quadro, destacamos aqui o espaço da Comunidade Vila da Felicidade e da Comunidade Onze de Maio: Um lugar entre o urbano e o rural.

A Comunidade Vila da Felicidade (Mapa 1) é considerada uma das “portas” de entrada da cidade de Manaus-Amazonas, sendo uma península, está limitada a nordeste e sudeste pela foz do rio Negro, a sudoeste pela BR-319 e porto e Feira da Ceasa² e a noroeste pela floresta da Marinha, esta preservada.

² CEASA – Companhia de Saneamento que hoje se encontra obsoleta.

Na época da vazante a Comunidade dispõe de uma área de várzea³ com aproximadamente 10.000 m² (de agosto a fevereiro), e na sua proximidade dispõe de lagos temporários: Lago do Cobra, Lago do Jacaré, que são inundados durante as cheias anuais e desaparecem na vazante, e ainda um lago perene conhecido como Lago do Cururu.

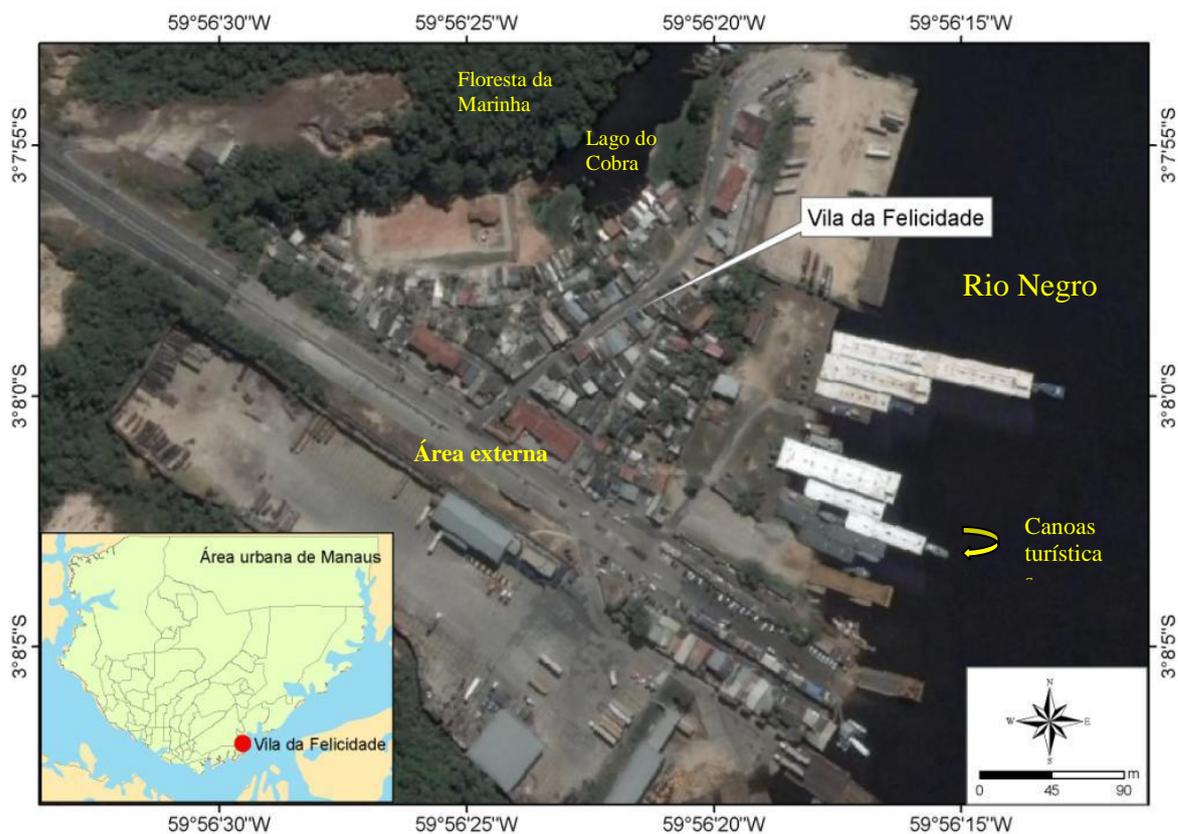
Comunidade Vila da Felicidade, segundo alguns comunitários⁴, existe, aproximadamente há 28 anos, tendo sido oficializado em 1987. Na ocasião os moradores também fundaram em 18 de maio do mesmo ano a Associação dos Moradores da Vila da Felicidade com o objetivo de garantir seus direitos e de fortalecimento social. A Comunidade, de acordo com Gomes (2004)⁵, contava com uma população aproximada de 1.500 pessoas⁶. A maioria dos habitantes são moradores fixos; aproximadamente 32% das residências estão localizadas no entorno do Igarapé do Cururu, sendo 48% do total de residências localizadas em ruas asfaltadas.

³ Várzea - É a planície aluvional propriamente dita ou o leito maior dos rios; é a região sujeita, parcial ou totalmente, às inundações anuais e o seu solo é constituído de sedimentos quaternários depositados anualmente pelo rio.

⁴ Dados obtidos pelo Instituto Silvério de Almeida Tundis em reunião com a Diretoria da Associação dos Moradores da Vila da Felicidade, realizada em 08/12/2006, no complexo socioeconômico esportivo da Vila da Felicidade.

⁵ Conforme relatório de levantamento de dados, encomendado pela Petrobrás, estudo coordenado pela Profa. MSc Maria Auxiliadora Gomes, da Universidade Federal do Amazonas, em 2004.

⁶ Consideramos aqui este mesmo número levando em conta que não há espaço para aumentar o número de habitações e também não houve um crescimento vertical da Comunidade até o momento dessa pesquisa.

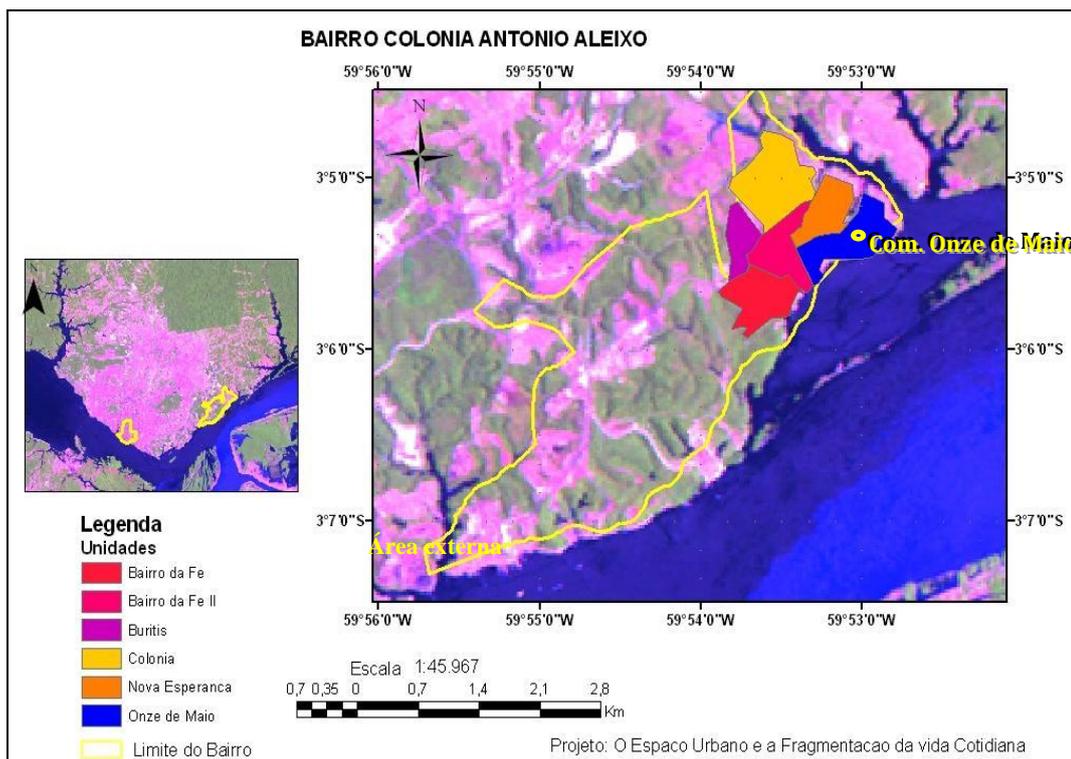


Mapa 1 - Comunidade Vila da Felicidade. **Elaborado no:** Laboratório de Cartografia DEGEO-UFAM. **Organizadores:** PINHEIRO, 2009 & PINTO, 2009

Muitas características da Comunidade Vila da Felicidade contribuíram para a compreensão da variação de culturas num mesmo espaço. De fato, cada realidade cultural tem sua lógica interna, os elementos presentes na paisagem corroboram para a produção existencial dos homens que ali habitam, seja este lugar urbano ou rural.

Na mesma proporção apontamos a **Comunidade Onze de Maio** localizada no bairro Colônia Antônio Aleixo (Mapa.2), como um lugar entre o urbano e o rural. Sua proximidade com o Lago do Aleixo e com o “Encontro das Águas” do rio Negro e Solimões, assim como com a parte urbana do bairro, indicam a peculiaridade dos modos de vida que ali se desenvolvem.

A Comunidade Onze de Maio, de acordo com sua história, formou-se assim como as outras seis comunidades presentes no bairro Colônia Antônio Aleixo, de acordo com a vinda de novos habitantes, e assim como as Comunidades Fé I e Fé II, a Onze de Maio está localizada as margens do Lago do Aleixo e abrange também espaços considerados urbanos.



Mapa 2 – Bairro Colônia Antônio Aleixo – divisão por Comunidades. **Organizadores:** Projeto O Espaço Urbano e Fragmentação da vida cotidiana. (2010).

O trabalho de campo consistiu primeiramente na identificação das famílias de pescadores, foram então realizadas entrevistas com narrativas dos sujeitos da pesquisa e conversas informais. Além dos pescadores fizeram também parte da pesquisa, moradores que exercem outras atividades. Posteriormente, as informações e narrativas foram sistematizados e analisados os dados coletados em campo e deram suporte para esta dissertação que ficou estruturado em três capítulos.

No primeiro capítulo contextualizamos os caminhos percorridos pela Geografia cultural e sua atual proposta; discorremos a respeito das Comunidades ribeirinhas e de pescadores, do papel da cultura nos estudos geográficos e sua dimensão na compreensão do espaço enquanto lugar de vida. Destacamos também a existência de uma “cultura ribeirinha amazônica” presente nas Comunidades ribeirinhas no âmbito da cidade de Manaus.

De forma mais ampla, tratamos no capítulo II a respeito do elemento água não apenas como um elemento da natureza, mas aquele que é carregado de significados para os ribeirinhos que realizam a pesca artesanal, cuja atividade está implícita na cultura dos habitantes das várzeas, em particular nas Comunidades de pescadores presentes na cidade de Manaus. Neste sentido, buscamos entender os

modos de vida que se desenvolvem em áreas ribeirinhas, através da atividade de pesca, quais aspectos rurais persistem nas Comunidades ribeirinhas citadinas.

No terceiro e último capítulo nos concentramos nas características urbanas dessas Comunidades e sua formação, buscamos compreender as principais causas das migrações que levaram os ribeirinhos a saírem de seu lugar de vida para a cidade, sempre em busca de algo que pudesse suprir não apenas a questão econômica, mas suas necessidades básicas, sem excluir seus modos de vida, sua cultura, de forma que se buscou encontrar e manter as características do rural no urbano. E, que influência sofreu a cultura ribeirinha na cidade.

Diante deste quadro que nos propomos trilhar um caminho que busque compreender a inter-relação “cultura-homem-atividade econômica”, valorizando o rural, não em detrimento do urbano, mas como manifestação de uma resistência cultural ribeirinha. Buscamos ainda relacionar esses elementos com o significado do “lugar” para os pescadores que ali vivem. O lugar é aqui entendido como lugar de vida, onde o homem realiza sua experiência de vida.

CAPÍTULO I

1. COMUNIDADES RIBEIRINHAS: NO CONTEXTO DA GEOGRAFIA CULTURAL E DA GEOGRAFIA HUMANÍSTICA

A cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos.

Roberto da Matta

A Geografia enquanto ciência envolveu em seu contexto diversas perspectivas que nortearam as pesquisas geográficas. Certamente, para que houvesse mudança nas diferentes abordagens perpassou por refutações, críticas e concordâncias em suas distintas expressões. Da Geografia tradicional a Nova Geografia, esta ciência depara-se com novas tendências alternativas como bem coloca os estudos realizados por Christofletti (1985, p.21)

[...] É normal e esperado que surgissem reações contrárias à Nova Geografia, procurando seguir outras sendas filosóficas, que contestam e procuram substituir os preceitos de metodologia científica de linhagem positivista. A Geografia Humanística, a Geografia Idealista e a Geografia Radical são três tendências que ganharam ímpeto nos últimos anos.

Segundo Christofletti a abordagem humanística foi pautada em trabalhos realizados por Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph e Mercer e Powell. Trata-se, sobretudo de um movimento que procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares.

Segundo Corrêa (1995, p.30) o surgimento da geografia humanista em 1970 acompanhou na década seguinte a retomada da geografia cultural. E, segundo Holtzer (1993) a formação dos primeiros geógrafos humanistas estava voltada para a compreensão dos diversos fenômenos relativos à disciplina (urbanos e rurais, físicos e biológicos, etc.), para a compreensão dos processos históricos e para as técnicas que instrumentalizavam a disciplina.

O viés humanista na geografia parte da crítica à geografia de cunho lógico-positivista, ou seja, da ideia de refutar o modelo científico anterior. Os trabalhos de Yi Fu Tuan, por exemplo, são críticos em relação à ciência objetiva, Gomes (1996,

p.304) afirma que: a ciência clássica minimiza a importância e o papel da consciência humana para o conhecimento.

A relevância do homem nos estudos geográficos evoca uma nova maneira de conceber o espaço. Neste contexto, a Geografia Humanística dá sua contribuição já que:...reflete sobre os fenômenos geográficos com o propósito de alcançar melhor entendimento do homem e de sua condição. Yi Fu Tuan (1976, p.66). Sem, no entanto, excluir nenhuma via que nos conduza ao conhecimento, pois entendemos assim como Gomes que *a exclusão é encarada como um risco de limitação e empobrecimento*.

O novo horizonte *humanista* da geografia está assentado na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo e na contingência. (Gomes, 1996, p.30). Vale lembrar que é difícil falarmos na geografia humanista sem nos reportarmos, em algum momento, à geografia cultural.

É neste sentido, que mesmo adotando os aspectos da cultura, como instrumento norteador desta pesquisa, muitos outros aspectos das Comunidades estudadas serão também considerados de relevante importância. De acordo com a proposta desta pesquisa, para compreendermos o espaço das Comunidades Ribeirinhas Citadinas, no apropriamos do debate trazido por geógrafos humanistas e culturais.

Partimos do pressuposto que os temas favoritos da Geografia humanista têm muitos aspectos comuns ao da Geografia cultural. É neste sentido que, assim como Holzer, procuramos aqui enfatizar a importância de Carl Sauer para o surgimento de uma geografia humanista, assim como da Geografia Cultural.

Retomamos então a ideia de que a Geografia Cultural nos dá o suporte para estudar o lugar, desde que sem excluir outros meios de compreensão, nos apropriamos então de ferramentas fornecidas pela corrente humanista.

A Geografia Cultural que desde seu nascimento teve seu período de apogeu e decadência, nos anos 80 e 90 teve uma nova retomada. É diante dessa retomada e a partir de suas novas propostas que nos ativemos no elemento cultura para perceber as peculiaridades do espaço urbano da cidade de Manaus, mais precisamente nos Bairros Mauzinho e Colônia Antônio Aleixo, onde encontramos também aspectos culturais próprios da área rural.

A Geografia, por sua vez, de acordo com Claval *apud* Corrêa (1999), desde suas origens gregas, interessa-se pela diversidade regional da terra. E, a partir do desenvolvimento da Geografia Humana, a descrição da diferenciação cultural da Terra tornou-se um capítulo importante da nova disciplina. A geografia cultural nasce, de fato, para compreender a diversidade dos gêneros de vida e das paisagens. No entanto, esta disciplina demorou muito para se constituir, pois necessitava não ser somente uma ciência natural de paisagens e regiões, mas deveria se tornar uma reflexão sobre o papel que o espaço e o meio têm na vida dos homens, sobre o sentido que eles lhes dão e sobre a maneira pela qual eles os utilizam para melhor se compreenderem e construírem seu ser profundo.

Segundo Correa (1999) a Geografia Cultural deve suas origens à Europa, em particular à Alemanha e à França, e sua proeminência aos Estados Unidos. Ainda de acordo com Claval, foi Friedrich Ratzel (alemão) que ao trazer o debate dos anos 1880 o termo antropogeografia, no sentido de buscar compreender as relações entre os grupos humanos e o meio, quem conduziu novas investigações e estimulou jovens pesquisadores a adotar este campo de investigação. Estes estudos absorvem lições de Darwin ou de Lamarck.

Na escola alemã a abordagem dos fatos da cultura esteve voltada para a importância dos utensílios e das técnicas utilizadas para dominar o meio. Este procedimento, de acordo com Claval (1999, p.27) *negligencia o problema de aquisição das práticas, dos conhecimentos e dos valores... Ignora quase sempre as atitudes e as crenças*. Claval refere-se aos trabalhos e estudos realizados não apenas por geógrafos como também por historiadores, cujo interesse estava em compreender os espaços por meio dos fatos culturais.

Na França, Vidal de La Blache e seu grupo de pesquisadores traduziram antropogeografia por geografia humana. Os geógrafos franceses, assim como La Blache adotam como modelos Alexandre de Humboldt, Carl Ritter ou Friedrich Ratzel.

De Friedrich Ratzel, em particular, La Blache adotou o estudo das influências do meio sobre as sociedades humanas, e interessa-se também pelo conjunto de técnicas e dos utensílios fabricados pelo homem para transformar o contexto onde vivem. Claval aponta ainda o conceito de gênero de vida, de Vidal de La Blache, cujo papel é dar sentido a esses elementos.

Analisar os gêneros de vida para La Blache significava, sobretudo, analisar um conjunto de técnicas e hábitos... para compreender o espaço o sob a ótica dos diferenciados modos de vida de um povo. Segundo Claval (1999, p.35) a noção de gênero de vida mesmo naturalista pela sua origem e suas justificações, deriva rapidamente para posições mais humanistas. E acrescenta que para La Blache o estudo da difusão das técnicas permite compreender o arsenal à disposição de cada grupo, mas o gênero de vida tem dimensões sociais e ideológicas que estão indissociavelmente ligadas ao seu aspecto ecológico. O conceito de “gênero de vida” tornou-se foco de muitas análises ao longo do desenvolvimento da ciência geográfica. Gomes (1996, p.205) ao analisar a obra de Vidal de La Blache afirma que segundo o próprio Vidal “gênero de vida” se define como a forma específica que cada grupo desenvolve sua maneira de ser e viver. Eles compõem um conjunto particular de atitudes que tira sua significação do interior do próprio grupo, seja pela maneira de se vestir, de falar, de habitar, em suma, por sua maneira de ser. Claval (2002) afirma que La Blache nunca falou de cultura, mas a idéia de cultura tinha um lugar central na sua concepção da disciplina. Ele sublinha o papel da “força do hábito” que lhe parecia como a causa mais importante da rigidez dos gêneros de vida.

Nos Estados Unidos a Geografia Cultural, iniciada em 1925, teve como precursor Carl Sauer fundador da escola de Berkeley que, aprofundou os estudos da cultura.

Os estudos realizados pelos seguidores de Sauer e pela escola de Berkeley sofreram, porém inúmeras críticas por parte de novas correntes de pensamento e também pelos próprios sauerianos. Segundo Holtzer (1993) A obra “The Morphology of Landscape” de Sauer lançou os pilares da geografia cultural. Ali seriam delimitados três campos distintos para a geografia: o estudo da terra como meio de processos físicos; o estudo das formas de vida como sujeito de seu ambiente físico; e o estudo da diferenciação de áreas ou habitats da terra. Este último campo seria o mais valorizados pelos geógrafos norte-americanos.

Paul Claval dedica um capítulo de sua obra “Geografia Cultural” para tratar da crise da Geografia Cultural, das dificuldades enfrentadas e a maneira como foram superadas. Um dos pontos que o autor indica como fatos ou fatores que

contribuíram para este declínio dizem respeito ao progresso técnico, a facilidade das comunicações e a industrialização das fabricações de utensílios.

Diante destes fatos, poderíamos aqui encerrar a proposta de conceber o espaço fazendo uso da cultura como instrumento norteador para o conhecimento do lugar, pois nada mais justificaria a apropriação e utilização de uma abordagem já superada.

Porém, como bem coloca Claval (1999, p.50), neste período a geografia cultural deparou-se com a necessidade de deter sua atenção às representações. Esta foi somente uma das razões para que o declínio desta abordagem na Geografia fosse interrompido. Para Corrêa e Rozendhal (1999, p.61) essa interrupção se deve a dois fatores: Os estudos confrontam-se com novas formas de afirmação da diversidade dos grupos, que não pode ser ignorado; e toma-se consciência das inconsistências dos princípios positivistas até então aceitos.

A Geografia Cultural necessitou, então, de um novo contexto, que contribuiu para sua renovação, podemos aqui apontar o fato da diversidade das culturas estarem ligadas à diversidade dos sistemas de representação e de valores que permitem às pessoas se afirmar, se reconhecer e constituir coletividades (Claval *apud* Rozendahl, 1999, p.62). A diversidade cultural dos homens, dos grupos e dos lugares, se trata de realidades variáveis.

Na mais atual obra de Corrêa e Rozendhal (2010) *Introdução à Geografia Cultural*, estes autores reúnem textos que nos conduzem a uma nova análise em torno desta disciplina. Diante desta proposta, Denis Cosgrove e Peter Jackson (1987) definem nesta obra a geografia cultural a partir da perspectiva dos significados, abrindo e propondo novos horizontes para a pesquisa. Segundo estes autores:

Para essa “nova” geografia a cultura não é uma categoria residual, mas o meio pelo qual a mudança social é experienciada, contestada e constituída. Para desenvolver essa questão de forma detalhada, será necessário retornar às raízes americanas da geografia cultural contemporânea (Correa & Rozendahl *apud* Cosgrove e Jackson, 2010, p.136).

Apesar do declínio que sofreu a geografia cultural, percebemos em nossa leitura, que em nenhum momento esta forma de abordagem foi ignorada pelos pesquisadores. Eles somente não dispunham dos meios necessários para analisá-lo em todas as suas dimensões. Já no Brasil, apesar da heterogeneidade cultural e das

intensas transformações que sugerem um conjunto de temas que podem ser abordados no contexto da Geografia Cultural, na opinião de Claval (1999, p.20) o quadro dos estudos sobre o Brasil e das perspectivas que eles abrem sobre a cultura brasileira é rico, “mas sofre pela falta de sistematização e pela longa recusa dos geógrafos em se interrogarem sobre as representações, os valores e os sistemas de idéias”.

Claval (1999, p.08) afirma que a Geografia Cultural no Brasil só desenvolveu-se depois de 1990, *mas as preocupações culturais estão presentes na maioria dos estudos publicados desde que a geografia tornou-se, no Brasil, uma disciplina universitária, nos anos 30*. A esse respeito Corrêa e Rozendahl (2010, p.16) lembram a riqueza da produção intelectual brasileira citando a obra de Monteiro (2002) *O mapa e a trama* a qual envolve a interpretação de obras que vão além da paisagem geográfica. Porém vale lembrar que os resultados sofrem constantemente transformações assim como o país desestrutura-se regiões, reestruturando outras.

Dessa forma, ao discorrer sobre a pesquisa no Brasil em relação aos temas da geografia cultural percebe-se esta anda de forma tímida, necessitando da formação de uma escola. Para isso, precisa ampliar as discussões para fora da universidade, promover grandes eventos que propiciem novas formas de fazer geografia levando em conta a cultura.

Entender cultura enquanto um conceito fechado, porém, limita e torna confusa nossa proposta de compreender o espaço por meio desse elemento, e nos conduz a uma reflexão a respeito do que é cultura.

Sabemos que o papel da cultura sempre esteve presente na busca de compreensão do espaço. Segundo Claval (1999) desde Heródoto, os geógrafos questionam-se sobre a extrema diversidade dos povos e sua cultura. E, no final do século XVIII o filósofo Herder já sugeria questões que remetia a reflexões sobre a presença e atuação do homem no espaço.

O conceito de cultura ainda é amplamente discutido no âmbito de diversas ciências, no caso das ciências sociais houve também uma associação ao termo identidade, pois segundo Cuche (2000) as grandes interrogações sobre identidade remetem muitas vezes para a questão da cultura. Para o autor numa abordagem culturalista acentua-se o legado cultural, ligado a socialização do seu grupo cultural.

Esta discussão, no entanto, apresenta uma concepção de cunho objetivista da identidade cultural, pois parte de critérios determinantes. Cuche também aponta um conceito mais voltado para os subjectivistas, no qual a identidade etnocultural não é mais que um sentimento de pertença ou uma identificação com uma coletividade mais ou menos imaginária, o que conta de fato são as representações que os indivíduos formam da realidade social.

No contexto, da Geografia Cultural a cultura também perpassou por diferentes abordagens. Na sociedade europeia do final do século XIX, de acordo com Corrêa e Rosendhal (2010, p.10) *toda ação humana alterando a natureza produz a "cultura"*. Neste período o gênero de vida, de acordo com Claval com estes mesmos autores, constituiu-se em outro foco central do interesse dos geógrafos interessados em compreender a diversidade espacial.

Como já vimos anteriormente, a Escola de Berkeley, de grande relevância para o aprofundamento dos estudos da cultura na Geografia, também sofreu críticas concernentes ao conceito de cultura adotado por Sauer. Ducan aponta a cultura como era concebida:

...como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social; sua internalização se faz por um mecanismo de condicionamento, gerador de hábitos, entendidos como cultura. (Ducan, 1980, p. 51)

A cultura não era concebida como algo inerente ao indivíduo, mas externo a ele e adquirido ao longo de sua existência, havia de certa forma um condicionamento na existência da cultura. Diante disso, essa conceituação não correspondia às perspectivas de compreensão do espaço.

No âmbito da Geografia Cultural renovada o conceito de cultura assume novo sentido, em sua obra mais recente Corrêa e Rosendahl, sobre o assunto apontam:

...O conceito de cultura é redefinido, liberado da visão supra-orgânica e do culturalismo, na qual a cultura é vista segundo o senso comum e dotada de poder explicativo. É vacinado também contra a visão estruturalista, na qual a cultura faria parte da "superestrutura, sendo determinada pela "base". (Corrêa e Rosendahl, 2010, p.13),

Corrêa (1999) cita os diferentes conceitos redefinidos de cultura, a saber:

- Como conjunto de técnicas, atitudes, ideias valores, apresentando assim “componentes materiais, sociais, intelectuais e simbólicos”;
- Transmitido e inventado;
- Não sendo constituído pela “justaposição de traços independentes”, mas, ao contrário, “seus componentes formam sistemas de relações mais ou menos coerentes.”
- Não sendo assimilado igualmente pelos membros de uma sociedade;
- Vivido individualmente.

Tratar de cultura, como podemos perceber nos sugere várias outras reflexões que a permeiam. Para muitos estudiosos do assunto o conceito de cultura ainda é considerado como um conjunto de saberes, técnicas, crenças e valores. Porém, estes componentes são agora entendidos como parte do cotidiano e cunhados no seio das relações sociais de uma sociedade de classes.

Não podemos, de modo algum, considerá-la como algo estático, pois a própria cultura em si é bastante dinâmica. Neste sentido, concebemos cultura assim como Claval: *a cultura para os geógrafos é rica de significados e contribui grandemente para a compreensão do existir coletivamente*. Dessa forma, podemos então compreender a dinâmica das Comunidades de pescadores da cidade de Manaus, como se dá a dinamicidade dos homens, dos grupos e dos lugares, levando em conta os aspectos culturais.

Por isso, buscamos a abordagem cultural, pois permite fazer do homem o centro de análise da geografia cultural. E, para melhor compreensão do nosso objeto de estudo, propomo-nos a discorrer, de forma sucinta, a respeito dos aspectos culturais das Comunidades ribeirinhas da Amazônia, para posteriormente compreender a presença/resistência desta cultura nas comunidades ribeirinhas da cidade de Manaus. Consideramos aqui somente os habitantes da orla da cidade para os quais o rio possui um significado, e aqueles que vivenciam uma relação afetiva com o seu lugar, particularmente os pescadores artesanais destes lugares.

Portanto, propomos, assim como Claval, desenvolver novas abordagens em torno de três eixos: primeiro, parte das sensações e das percepções; segundo, a cultura é estudada através da ótica da comunicação, que é, pois compreendida como uma criação coletiva; terceiro, a cultura é apreendida na perspectiva da

construção de identidades, insiste-se então no papel do indivíduo e nas dimensões simbólicas da vida coletiva (Claval *apud* Castro, 1997, p.92).

A perspectiva a partir da construção de identidades, neste caso, nos remete a uma reflexão a respeito da construção da identidade do sujeito enquanto “Ribeirinho”. Pois, é dessa forma que nos referimos àquele que mora as margens dos rios, lagos ou igarapés. Reconhecemos então a necessidade de identificar quem é o ribeirinho, e quem são as Comunidades Ribeirinhas.

1.1 - Caboclo ou Ribeirinho? Uma questão de Identidade

Chamamos atenção para o sujeito de nosso estudo, que é ao mesmo tempo autor desta pesquisa: “o ribeirinho”. Mas afinal, quem é o ribeirinho, enquanto indivíduo? Quem é o ribeirinho na sua coletividade?

Enquanto indivíduo o ribeirinho é o homem que vive as margens dos rios. Na Amazônia, em particular. É conhecido por diferentes termos que nem sempre o permite identificar-se. Não se trata de definir de forma acabada o conceito de ribeirinho, mas compreender sua existência, sua formação, sua presença e como este se comporta nas áreas de várzea da Amazônia, se este termo dá conta de identificar o homem que vive na Amazônia ou trata-se apenas de um termo que podemos aqui adotar para nos referirmos ao sujeito de nosso estudo.

Para Fraxe e Wittkoski (2007, p.15) a formação histórica das populações ribeirinhas da região é fruto do encontro de culturas, seja de populações locais, ameríndias, do colonialismo europeu em um dado momento ou da recente presença nordestina do período econômico da borracha. E, fazendo uma alusão a respeito de quem é o habitante das várzeas amazônica, que refletimos sobre os diferentes termos a ele atribuídos.

Vaz (1994, p.47), ao realizar estudos no interior do Pará buscou a origem dos ribeirinhos historicizando a respeito da cultura indígena perpassando pela colonização ao surgimento do termo caboclo até o atual termo ribeirinho:

A palavra “caboclo” foi usada inicialmente como sinônimo de *tapuyo*, que era como grupos indígenas se referiam aos seus inimigos (índios). Com a

colonização, o termo passou a designar o índio ‘amansado’ ou ‘civilizado’, mas com a mesma conotação de escárnio. Só muito depois ganha também o sentido de mestiço de índio com branco.

Caboco (ou caboclo), por exemplo, está ligado a origem indígena, de acordo com Câmara Cascudo (1974) “caboco é o indígena, o nativo, o acobreado com cabelo corrido”. Este conceito abrange também o contexto do folclore brasileiro: “... É o tipo imbecil, crédulo, perdendo todas as apostas e sendo incapaz de uma resposta feliz ou de um ato louvável”.

O termo caboclo tornou-se para muitos estudiosos um nome atribuído aos índios, mestiços e trabalhadores da área rural, que de acordo com Vaz “seguiu o rastro da ideologia racista”. Devido sua origem o termo é também rejeitado por aqueles que habitam as áreas de várzea... Caboclo é sempre o outro... Dessa forma, novos termos são adotados e utilizados para referir-se aos habitantes das várzeas amazônicas.

No âmbito da cidade, quando indagamos nas Comunidades pesquisadas a respeito do termo que melhor identifica àquele que habita as margens dos rios, nos deparamos com diferentes respostas. Em alguns casos o termo “ribeirinho” é bem aceito, em outros há de forma explícita a rejeição ao termo caboclo ou caboco, como costumam falar alguns pescadores:

Eu sou ribeirinho mesmo, moro na beira d’água...A água já chegou até aqui na minha porta...(Sr.Gomes – pescador da Comunidade Onze de Maio – Colônia A. Aleixo).

Wagley (1988) sugere que vários sentidos dados ao termo caboclo derivam das mudanças no seu sentido no decorrer dos anos e das variações nas populações a que se refere. Neste sentido, trabalhos realizados com comunidades ao longo do rio Solimões⁷ revelam que o uso do termo caboclo atualmente, tem como responsabilidade construir uma nova imagem, capaz de realçar o “orgulho regional”, tal como ocorre nas sociedades do sul e sudeste do país.

No texto “O habitante esquecido: o caboclo no contexto amazônico”, Brondízio e Siqueira (1992, p.192) ao discorrerem sobre o sistema caboclo para compreender como esta região tem sido vista ao longo da história, afirma que está

⁷ Referimo-nos a pesquisa viabilizada pelo Projeto Piatam (2007) com Comunidades localizadas ao longo do médio Solimões (Teixeira, Brasil, Rivas (2007).

na hora de se respeitar o homem da Amazônia e suas diversidades culturais... *A sabedoria cabocla representa uma fonte imprescindível para realmente se conhecer a diversidade e potencialidade dos ambientes amazônicos.*

É justamente por se tratar de um termo concebido como uma palavra injuriosa e com características negativas que dessa forma, os diferentes termos: caboclo, caboco, caboclo-ribeirinho, ribeirinho e mais recentemente o camponês amazônico são usados constantemente por aqueles que tratam do homem que vive na Amazônia seja as margens do rio ou em terra firme.

A respeito de quem são os ribeirinhos da Amazônia, Vaz (1994) afirma: “os ribeirinhos da Amazônia possuem uma cultura rica e original, herdada em parte dos seus ancestrais ameríndios”. De fato, o homem que aqui vive é resultado da miscigenação de índios, portugueses e negros africanos. Para Parker (1985) representa uma mistura de grupos sanguíneos resultantes da união de ameríndios com o colonizador português e com nordestinos descendentes de africanos que migraram para a Amazônia na metade do século XVIII e durante o auge da borracha no final do século XIX.

Fraxe e Wittkoski definem ribeirinhos como: populações tradicionais que vivem em ecossistemas de várzea (rios, paranás, lagos, furos, igarapés, etc.) organizados em comunidades. Para estes autores o termo “ribeirinho” refere-se aquele que anda pelos rios.

Em alguns trabalhos o termo ribeirinho é utilizado para identificar todos os moradores do interior (de áreas de várzea e terra firme), que geralmente organizam-se e vivem em Comunidades. E, de acordo com Vaz :

Eles vivem em pequenas comunidades na beira dos rios, igarapés e lagos; suas casas são feitas com materiais que encontram na floresta: cercadas de madeira ou barro e cobertas com palha, muito simples; no quintal, muitas árvores frutíferas, uma pequena horta e alguns pequenos animais de criação. A canoa ou o *ubá*, o meio de transporte mais usado, está sempre próxima. (Vaz, 1994, p. 92)

Essa realidade, atualmente, encontra-se bastante alterada nas Comunidades ribeirinhas do interior do Amazonas, as inovações tecnológicas os novos meios de comunicação imprimem mudanças no cotidiano das pessoas que ali vivem, embora a cultura também corrobore para as permanências no âmbito das comunidades. A questão da identidade é então fundamental para compreendermos

quem é o ribeirinho, em particular, o pescador das Comunidades ribeirinhas citadinas.

A cultura não é idêntica para todos os membros de um mesmo grupo. Diferentes formas de se construir uma identidade se dá no âmbito de uma mesma comunidade, pois a identidade se constrói individualmente, mas ganha significado do coletivo. Para Castro, a identidade de cada indivíduo se dá pelo acúmulo de informações concebidas ao longo de sua existência:

A acumulação de informações estruturadas que resulta deste processo tem por objetivo dotar cada um da bagagem de conhecimentos indispensáveis para trabalhar e se integrar à sociedade. (Castro, 1997, p.89)

Somente na vida adulta que o indivíduo tem acesso ao mundo social pleno. Ainda de acordo com Castro “ele adquire uma identidade que lhe dá um estatuto no grupo e o faz existir face às outras coletividades”.

De acordo com Cucho as noções de cultura e de identidade cultural não podem ser confundidas pura e simplesmente. Pois a cultura pode existir sem consciência identitária, ao passo que as estratégias identitárias podem manipular e até modificar uma cultura que deixará de ter grande coisa em comum com o que era antes.

A cultura releva em grande parte de processos inconscientes. A identidade, pelo seu lado, remete para uma norma de pertença, necessariamente consciente, porque assente em oposições simbólicas. (Cucho, 2000, p.123)

O ribeirinho enquanto provedor de uma cultura de quem habita as margens dos rios, experiencia um modo de vida peculiar, neste caso, seu mundo vivido ou “mundo real é duplicado por mundos imaginados, que são indispensáveis para lhe dar sentido e parecem frequentemente como mais autênticos do que aqueles que nossos olhos desvelam” (Castro, 1997, p.97).

É neste sentido, que buscamos conhecer o ribeirinho, em particular o pescador da cidade a partir da sua identidade e da sua percepção em relação ao seu lugar de vida, nas Comunidades ribeirinhas citadinas.

Entendemos o âmbito da Comunidade ribeirinha como o espaço de coletividade do ribeirinho. Porém, como constataremos a seguir as Comunidades

localizados no interior do Estado exprimem diferenças e semelhanças em relação as características das Comunidades na cidade...

Assim quando encontramos nas Comunidades ribeirinhas citadinas não apenas um ambiente propício às atividades típicas do urbano, mas também um modo de vida que nos remete aos modos de vidas que se desenrolam no interior da Amazônia, percebe-se em conta que a cultura é dinâmica, sofre frequentemente transformações, e é marcada pela existência das representações, dos significados, dos valores... entre outros temas que merecem atenção devida e nos encaminham para um olhar sobre outras categorias como lugar, mundo vivido e percepção.

1.2 Comunidades Ribeirinhas na cidade: Um “lugar” de vida para os pescadores

*A mais fascinante terrae incognitae,
entre todas, é aquela que se encontra
no interior da alma e do coração dos homens.*
Discurso presidencial de John K. Wright (1946).

É a partir da compreensão da relação afetiva com o lugar e na significação deste para os homens que ali habitam que buscamos construir a geografia das Comunidades Ribeirinhas na cidade. Deparamo-nos, no entanto, com diversos questionamentos: Será que o termo “Comunidades Ribeirinhas” ou de “pescadores” pode ser aqui atribuído? Partimos então para a investigação do conceito de Comunidade.

Tomamos como referência a “comunidade” que é inerente a qualidade ou estado do que é comum. Ao buscarmos o conceito da categoria comunidade encontramos logo de início a relação com outro categoria “identidade”. O indivíduo adquire conhecimentos desde sua infância e as informações adquiridas o inserem sua existência em um destino coletivo e lhe dão uma significação. Cabe sobremaneira levar em conta que estes fatores assumem novas formas quando o homem migra para outro lugar, sem necessariamente modificar radicalmente seu modo de vida. Entre os conceitos de Comunidade, apontamos aqui o de Claval:

A comunidade surge da necessidade que a vida social tem de organizar-se em organizações hierárquicas institucionalizadas, implica igualmente que parceiros sintam-se pertencentes a um conjunto pelo qual cada um se sinta responsável e solidário. (Claval, 1999, p.113).

Uma outra definição de Comunidade apontada por Claval *apud* Corrêa e Rozendahl diz respeito à Comunidade de lugar:

A vila tradicional de uma sociedade agrária sedentária aparece como o modelo da comunidade localizada. Nasce das frequentações múltiplas impostas pela coabitação. Os estilos de vida são semelhantes, o auxílio mútuo fácil... (Corrêa e Rozendahl, 1999, p.116).

Apesar das semelhanças, os comportamentos variam de comunidade para comunidade. Até mesmo de indivíduo para indivíduo como enfatiza Claval *apud* Corrêa e Rozendahl (1997) “a cultura incorpora valores que servem para guiar a ação, assim como sublinhar a especificidade de tudo que é social e dar sentido à vida individual e coletiva”. No caso da área urbana os comportamentos se diferem de um grupo para outro dentro das Comunidades Ribeirinhas.

Acrescentamos aqui ao conceito supracitado a relação afetiva com o lugar e também a necessidade de assegurar o interesse coletivo de um determinado grupo. Para Marx Weber (1973, p. 141), “comunidade” é um conceito amplo que abrange situações heterogêneas, mas que, ao mesmo tempo apoia-se em fundamentos afetivos, emotivos e tradicionais.

Os diferentes conceitos de comunidade nos conduzem a refletir também sobre a proposta de Ferdinando Tönnies (1973, p.104) para o qual a presença de processos comunitários estaria ligada, em primeiro lugar, aos laços de sangue, em segundo lugar a aproximação espacial e em terceiro lugar a aproximação espiritual. Tönnies (1973, p. 102), ainda relaciona comunidade a uma vontade comum, à compreensão, ao direito natural, à língua e à concórdia: “aonde quer que os seres humanos estejam ligados de forma orgânica pela vontade e se afirmem reciprocamente, encontra-se alguma espécie de comunidade” (1995, p.239).

Peruzzo e Volpato (2009) ao discorrer sobre o conceito de comunidade apontam também o sentimento de pertencimento, como elemento fundamental para a definição desta, neste caso:

Desencaixa-se da localização: é possível pertencer a distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outro (à distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas. Neste sentido, a territorialidade pode assumir caráter físico ou simbólico. A localidade geográfica passa a não ser considerada característica intrínseca de uma comunidade, porque mesmo a distância pode-se se sentir parte. (Peruzzo e Volpato, 2009. p.6).

No Caso das Comunidades Amazônicas, referimo-nos àquelas que foram trazidas pela Igreja Católica. Para compreender o surgimento das Comunidades ribeirinhas no interior do Amazonas e do Pará é importante retomar o papel da Igreja Católica na sua formação, pois esta está refletida na organização territorial e social de cada uma dessas pequenas comunidades. A presença de um pequeno templo religioso indica o nascimento de um novo lugar. (Nogueira, 2001, p.172).

A comunidade a qual nos referimos nesta pesquisa traduz não apenas o que é comum, mas também está repleta de uma relação simbólica e afetiva das pessoas com seus lugares, pois referimo-nos: a um grupo (no caso de pescadores) que irmanam culturalmente; que adquiriram e desenvolveram, ao longo de sua existência, conhecimentos a respeito da pesca; possuem uma identidade individual e coletiva, e estilos de vida semelhantes no que se refere à atividade de pesca e a vida dos ribeirinhos; e que em sua maioria vieram de Comunidades ribeirinhas do interior da Amazônia:

No caso da Comunidade Vila da Felicidade – Mauzinho e Comunidade Onze de Maio, a própria paisagem destas Comunidades também aponta a diversidade cultural, em parte caracterizada pelo urbano em outra pelo rural. Mas tratando, de um grupo específico (os pescadores, por exemplo) verificam-se não somente os estilos de vida semelhantes como também um sentimento de lugar, do território comunitário como patrimônio comum.⁸ Muitos costumes, porém se diferem grandemente das Comunidades ribeirinhas do interior do Estado, o contato e a relação está mais voltada para a atividade da pesca.

A gente se reúne mesmo quando se encontra na pesca. Reunião mesmo não há, pois nunca o presidente do bairro se reuniu com a gente. (Jhonny Ringo – pescador da Comunidade Onze de Maio – Colônia Antonio Aleixo).

Nós nos reunimos pra pescar ou trocar informações... Quando temos problemas um ajuda o outro...(Sr. Raimundo Pessoa – Pescador da Comunidade Onze de Maio – C.A.Aleixo).

⁸ O Patrimônio comum aqui apontado diz respeito à natureza (seus lagos e florestas).

Festa nas comunidades do interior alguns pescadores frequentam. No bairro ninguém frequenta por causa da violência, mas tem todo sábado. (Francisco Gomes - pescador da Comunidade Onze de Maio – Colônia A. Aleixo).

A gente se reúne, às vezes, antes da pesca, mas durante (a pesca) cada um vai pro seu lado. Hoje a gente vai se reunir lá do outro lado (na ilha que se forma na vazante do outro lado do lago do Aleixo), a gente assa peixe, cozinha... (Sr. Júlio – pescador da Comunidade Onze de Maio – C.A. Aleixo).

Encontramos também laços de sangue entre os pescadores das Comunidades, assim como relação afetiva que estes têm com os rios e lagos em seu entorno, os símbolos, os mitos e as histórias contadas, a realização da pesca, enfim, no que se refere à atividade de pesca esse grupo aponta muitas características em comum. Há ainda a pesca em grupo que mesmo não sendo frequente faz parte da realidade destes pescadores:

A atividade que realizamos juntos é a pesca no Lago “Buraco do Oscar” bem próximo daqui, é um lago onde a gente se reúne somente na cheia, na seca ninguém frequenta porque o boto vermelho não deixa...ele rasga a malhadeira. (Ringo – pescador da Comunidade Onze de Maio – Aleixo).

Pesquisas já realizadas em algumas dessas Comunidades revelam que essa relação com lugar viabiliza a própria existência nestas áreas.

1.3 – O Lugar e o Espaço Vivido dos pescadores citadinos.

A categoria lugar ganha sua importância devida no âmbito da geografia humanística, que de acordo com Christofolletti (1985, p. 22) *procura valorizar a experiência do indivíduo com o grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares*. É nesse sentido, que também incorporamos essa categoria nesta pesquisa, pois entendemos que essa categoria é fundamental para o estudo da Geografia.

Durante muito tempo a categoria lugar foi considerada no sentido de localização: “A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens” (La Blache, 1913 citado por Claval, 1999). Holzer (1987) em seu artigo intitulado *O lugar na Geografia Humanística* aponta que essa forma de considerar o lugar durou desde o surgimento da Geografia enquanto disciplina acadêmica até 50 anos após a Geografia Clássica.

Centrado nos estudos do “lugar”, Holzer nos remete as diferentes abordagens desta categoria, é neste sentido que observa que a crescente objetividade inviabilizou qualquer consideração que extrapolasse o seu *significado* locacional.

Para Holzer, Sauer juntamente com a Escola de Berkeley contribuiu profundamente com uma nova forma de abordagem do “lugar”, pois a paisagem cultural estaria repleta de significados, é nessa valorização (e significação do lugar) que esta categoria ganha uma nova acepção.

Foi Eric Dardel, segundo Corrêa, que conduziu em sua obra *L’Homme et la Terre* uma importante reflexão sobre a natureza da geografia partindo da leitura de Heidegger propôs um estudo fenomenológico da geografia. Diante deste quadro Dardel demonstra grande preocupação com o conceito de lugar:

Antes de mais nada há esse “lugar” que não escolhemos, onde as bases de nossa experiência mundana e da nossa condição humana se estabelecem. Nós podemos trocar de lugares, mudar, mas isso é ainda a procura de um lugar, precisamos de uma base para estabelecer nossa existência e realizar nossas possibilidades um aqui a partir do qual descobrir o mundo, um acolá para o qual ir⁹. (Corrêa, 2010, p.156)

Esta perspectiva merece, de fato, o rótulo de “humanista”, pois procura destacar os aspectos do homem que são mais distintivamente humanos: *significações, valores, metas e propósitos* (Entrikin, 1976). Nas pesquisas voltadas para a presença marcante do homem no mundo é frequente a constatação dessa relação afetiva com o lugar de vida. Trabalhos como o de Nogueira (2001, p. 39) que propõem contribuir para a construção de uma Geografia do lugar, partem do princípio que se trata de um saber concebido e interpretado por quem nele vive.

A ideia principal, segundo aqueles que adotam esta categoria é relacionar o espaço com o mundo vivido de quem o experiencia. É nesse sentido que Nogueira aponta geógrafos que demonstraram uma certa preocupação com o conceito de lugar, enquanto mundo vivido ou espaço vivido, dentre eles: Yi Fu Tuan (1980) e Buttimer (1979) .

A respeito dessa ligação afetiva é que Yi-Fu Tuan (1980, p. 5) indica o termo *topofolia*, que segundo o autor:

⁹ DARDEL 1952:56, citado por RELPH, op. Cit.p56

“é a ligação afetiva entre o sujeito e o lugar ou a natureza. As manifestações são de várias ordens, envolvendo principalmente a estética ou sentimentos estéticos, assim como sensações e sentimentos relacionados ao meio ambiente mais próximo o qual é, em última análise, o meio ambiente da subsistência humana, pois as pessoas se concentram para as questões ambientais que lhes dão segurança, sustento e satisfação em suas vidas. Portanto, os seres humanos sonham e imaginam lugares ideais.” (Yi-Fu Tuan, 1980, p. 5)

Christofolletti também faz referência a relação ao espaço levando em conta a profundidade do significado deste para o homem:

O *lugar* é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o “centro de significância ou o foco de ação emocional do homem”. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou um grupo de pessoas (1985, p.22).

É, portanto, na procura por “lugares ideais” que o homem do interior ao sair da área rural para a área urbana, busca encontrar elementos que recordem seu lugar de vida, dando assim uma (re) significação ao lugar. Na Comunidade Vila da Felicidade, por exemplo, muitos pescadores afirmam ter encontrado seu novo lugar.

O espaço geométrico da Comunidade é aqui visto como um lugar. O lugar assume uma importância devida, caracterizando-o como o espaço carregado de significados e de subjetividade. Como no caso da Comunidade Vila da Felicidade, onde, para um grupo de pescadores e suas respectivas famílias, o contato com lagos e rios, permite a identificação destes com o seu lugar de origem e com a atividade pesqueira.

O Sr. Ataíde, 57 anos, vindo do município de Coari, relata sua relação com o rio e com a pesca desde a infância, onde retrata a busca em Manaus por um *lugar* cujo contato com o rio permitisse a realização desta atividade em conjunto com a vida urbana:

Vim de Coari em 1966, quando eu era criança pescava com meu tio, sozinho meu pai não deixava porque é perigoso, mas cresci com esse desejo, e aqui na Vila (da Felicidade) encontrei então a chance de fazer o que eu gosto, também posso fazer outros trabalhos aqui na cidade... (Sr. Ataíde -pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Esta busca de características locais, traços da paisagem, elementos da natureza, demonstram a ligação homem-natureza, viabilizando antigas atividades

como a pesca, e permitindo a sua re-identificação com um novo “lugar de vida”, com um lugar que o remete ao seu antigo lugar de vida.

A busca por um “lugar” é sempre a busca pelo espaço com o qual nos identificamos, onde são encontrados elementos que viabilizam a execução de tarefas que garantem não apenas a sobrevivência, mas igualmente um atrativo para aqueles que o vivenciam. É o lugar que proporciona a relação homem-natureza. Foi nessa busca por esse lugar que muitas pessoas saíram de seu lugar de origem e buscaram encontrar na cidade um lugar com o qual se identificassem que oferecessem às condições de existência e de sobrevivência de uma cultura ribeirinha.

Dentro da perspectiva humanística, Yi-Fu Tuan questiona qual é o papel da emoção e do pensamento na ligação ao lugar e afirma que:

Os lugares humanos variam grandemente em tamanho. Uma poltrona perto da lareira é um lugar, mas também o é um estado-nação. Pequenos lugares podem ser conhecidos através da experiência direta, incluindo o sentido íntimo de cheirar e tocar. (Yi-Fu Tuan, 1980, p.149).

Da mesma forma, os pescadores que atualmente vivem na C.V.F., partiram do seu lugar de origem (em grande parte de cidades ribeirinhas) em busca de melhores condições de vida na cidade de Manaus, outros vieram e retornaram à sua cidade. Como foi o caso do Sr. Antônio Sergio que, a princípio encontrou na Vila da Felicidade a possibilidade de viver na área urbana sem perder o “contato” com o rio.

Quando cheguei aqui na Vila (da Felicidade), logo percebi que dava pra pescá, então não pensei duas vezes, mudei da Colônia (bairro de Manaus) pra cá, lá eu pescava, mas não tinha lagos lá onde eu morava, aqui é melhor (Antônio Sergio “Sorriso” – pescador da Vila da Felicidade - 2008).

O conhecimento concernente à pesca e ao rio também é um dos fatores que contribuem para a efetivação da atividade pesqueira nas proximidades da comunidade, levando em conta a força dessa experiência é que o pescador encontra também na cidade condições para dar continuidade ao seu modo de vida:

Vim de Carauari (município) para Manaus há 30 anos, eu pescava desde meus 12 anos de idade, aprendi a pescar com meus avós, quando vim pra cá (Vila da Felicidade) continuei fazendo o que eu sabia fazer, já conheço o rio e seus perigos, a pesca é hoje minha principal fonte de renda. (Raimundo Dias “Carauari”- pescador da Vila da Felicidade).

Vários trabalhos apontam a necessidade de compreender o lugar a partir do conhecimento de quem o experiencia ou experienciou, este tipo de estudo valoriza o conhecimento dos ribeirinhos desse lugar. Realizar uma pesquisa por esta ótica não quer dizer que pensamos o espaço como algo diferente do lugar, “*espaço e lugar não são coisas distintas, mas também não são sinônimas*”. Para Nogueira: “espaço e lugar” são categorias que estão sendo utilizadas pela filosofia, economia, geografia, para situar o homem na terra vinculando-o a ela, *pois a “existência” é espacial*.

O espaço é o “maior lugar possível”, o lugar é o “menor lugar possível”. Quando o espaço passa a fazer parte da vida dos homens, ele é tratado como o lugar, o lugar onde se está situado.” (Nogueira ,2001, p. 51).

O Sr. Emanuel Corrêa (Sr. Nego) procedente de Anori-Am é um dos moradores mais antigos da Comunidade Vila da Felicidade, segundo seu relato, uma parte dessa terra pertencia a seu avô, no entanto, não havia registros de propriedade. Atualmente, com 70 anos de idade Sr. Nego afirma que veio para a cidade de Manaus aos 26 anos, juntamente com sua mãe. Morou na Compensa, e um dia trabalhando como ajudante de caminhão chegou à Vila da Felicidade e, quando percebeu a possibilidade de morar num lugar onde seria possível pescar, manter-se próximo das águas, encontrou seu lugar de vida e, providenciou sua mudança imediata.

...Quando cheguei aqui tudo era um matagal morei na Compensa, mas quando cheguei aqui tive essa certeza: “este é meu lugar” (Emanuel Corrêa – Sr. Nego – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Para os pescadores da C.V.F. a busca por um “lugar” sempre esteve ligada a presença das águas, que os fazem retomar aos seus modos de vida. Referimo-nos aqui não somente a presença de rios e lagos no lugar escolhido, mas também à atividade da pesca, que faz parte do modo de vida ribeirinho. Dessa forma, buscamos contextualizar, de forma mais abrangente: os rios, o homem e a pesca nas comunidades ribeirinhas amazônicas.

Já na Comunidade Onze de Maio há pescadores que nasceram no lugar e mudaram-se para outros bairros da cidade de Manaus, passaram alguns anos fora, porém afirmam que durante sua ausência sempre ansiaram pela volta, e há também aqueles que nunca saíram. A relação que se viabilizou entre o homem e o lugar

permitiu não apenas sua fixação na Comunidade, mas também a busca em manter as características originais do lugar (referimo-nos ao esforço em conservar o ambiente em que vivem):

Adoro morar na beira do rio. Passei pela cidade, morei doze anos no Alvorada (Bairro), mas sempre pensava em voltar. Aqui é mais tranquilo... Meus pais tinham barco pesqueiro, plantio de verdura na terra firme...a gente vivia disso. A estrada não era asfaltada, era só o leprosário. Éramos quinze irmãos todos foram para Manaus. Só eu fiquei... "Daqui só pro céu com Deus"...(Sr. Gomes – 56 anos - pescador da Comunidade Onze de Maio).

Moro aqui desde que nasci, meus pais se separaram e saíram daqui, mas preferi ficar, gosto de morar aqui, aqui construí minha família, conheço bem o rio...(Jhonny Ringo - 32 anos– pescador da Comunidade Onze de Maio).

Aqui morava pouca gente, era só mato e água... Aqui é muito bom pra morar... O motor tá aqui, daqui só faço pular pro rio, eu gosto é de mato... Daqui só pro cemitério (Sr. Iranildo – pescador da Comunidade Onze de Maio)

Em alguns casos, também houve uma identificação com o lugar, em particular pela presença da água, fato que contribuiu para a permanência de muitos na Comunidade Onze de Maio, como o caso do Sr. Rodê:

Eu morava em Alter do Chão no Pará, conheci minha esposa aqui. Eu gostei daqui e vim pra cá...Onde tem água pra mim tá bom é mais fácil capturar o peixe. (Sr. Rodê – pescador da Com. Onze de Maio).

Ao transferir-se para a cidade, o ribeirinho busca reencontrar seu lugar de vida, traz consigo suas experiências e sua herança cultural:

Cada indivíduo é portador de um sistema cultural em evolução constante, mas que estruturado pelos valores. Estes são adquiridos pelos indivíduos no decorrer de sua trajetória de vida, ao sabor dos ensinamentos que receberam e das experiências que têm. (Castro *et al*,1997, p.97).

Para Claval *apud* Castro, Gomes e Corrêa.(1997, p.98) A Geografia cultural contribui de forma mensurável a atuação dos pequenos grupos no espaço "*busca compreender como cada grupo reinventa permanentemente o mundo, introduzindo novos recortes*".

As Comunidades de pescadores na cidade demonstram a dimensão social e cultural, encontramos nestas a necessidade das permanências dos costumes oriundos do lugar de origem, como bem notou Vidal de la Blache, a força do hábito torna-se tão forte que o grupo humano perde sua plasticidade. Ao invés de se

adaptar ao meio, ele procura modificá-lo para permanecer com seus hábitos. Apesar do aspecto naturalista, outros argumentos sugerem o desejo de (re) significar o lugar de vida deste grupo.

Diante deste quadro, é que percebemos que no caso das Comunidades Ribeirinhas na cidade, os habitantes das várzeas encontram em Manaus, elementos da natureza como rios, lagos, igarapés e floresta também na cidade, que lhes permite realizar atividades que já realizavam em seus lugares de origem, assim reinventam seu mundo vivido.

CAPÍTULO II

AS ÁGUAS, O HOMEM E A PESCA NAS COMUNIDADES AMAZÔNICAS.

*A paisagem amazônica, composta de
rios, floresta e devaneio,
é contemplada pelo caboclo
como uma dupla realidade:
imediate e mediata.
A imediata, de função material,
lógica, objetiva.
A mediata, de função mágica,
encantatória, estética...
O olhar não se confina no que vê.
O olhar, através do que vê,
vê o que não se vê...
João de Jesus Paes Loureiro.*

Nos primeiros estudos realizados a respeito da Amazônia a visão construída pelos pesquisadores apresentava um cunho bastante naturalista. Essa visão eurocêntrica ignorava de certa forma, o homem enquanto sujeito que vivencia estes lugares, e para o qual o lugar está repleto de significados. Diversas obras como de Euclides da Cunha (2000) em “Amazônia: Um paraíso perdido” que dedica-se a descrever o lugar, trata a natureza como soberana e brutal... É uma adversária do homem... O homem é considerado um ator agonizante daqueles cenários vivos (p.355).

Alberto Rangel (1927) também dedica onze contos sobre a Amazônia intitulado “Inferno Verde”, nestas histórias salienta os aspectos naturais da Amazônia, como o fenômeno das “Terras Caídas”, e insere algumas características dos habitantes deste lugar, como a hospitalidade cabocla, a situação de isolamento do homem, etc.

A obra de Eidorfe Moreira “Amazônia o conceito e a paisagem”, preocupa-se não apenas em conceituar a Amazônia, como também aponta as inúmeras dificuldades na realização desta tarefa, atentando para a complexidade que abrange esta região. O próprio nome Amazônia, segundo o Moreira, já nos remete a uma pluralidade de sentido do termo que a nomeia. É neste sentido, que busca numa só fórmula geográfica, essa diversidade de sentido ou de condições para a realização desta tarefa.

De forma geral, este trabalho adota diferentes critérios (hidrográfico, botânico, político, econômico, etc.) com o fim de definir ou delimitar a Amazônia variando o âmbito sob o qual é tomada como objeto de interesse. Considera a extensão territorial, assim como, a não limitação desta região quando se tratam das considerações de ordem humana, sociais, políticas, econômicas, etc.

Apesar do naturalismo presente nestas obras, não podemos negar a grande contribuição destes estudiosos para o conhecimento da Amazônia, destaca-se também Betty Meggers¹⁰ (1987), antropóloga que realizou vasta pesquisa abordando aspectos geológicos, zoológicos, meteorológicos, antropológicos... sobre o ambiente amazônico e de sua adaptação aos trópicos. Não apenas a adaptação, Meggers também trata dos padrões de subsistência e de ocupação de área, sobre a organização social e as concepções religiosas de povos indígenas (os Omáguas).

Recorremos a estes autores para destacar a dimensão do que foi e o que é a Amazônia com sua exuberante floresta, extensa rede hidrográfica e sua diversificada riqueza social e cultural. Aqui propomos tratar das Comunidades de pescadores que, em sua maioria, saíram do interior e vieram para a cidade trazendo suas experiências de vida, sob a ótica do modo de vida ribeirinho.

A riqueza cultural dos ribeirinhos, fruto da junção de outras culturas, foi ao longo do tempo sendo modificada, mas também refletem, na cidade, as resistências de alguns hábitos, costumes, formas de habitação, religião entre outros temas.

2.1 A imagem simbólica das águas na Amazônia na percepção do ribeirinho

Quando tratamos das “águas Amazônicas”, muitos estudiosos referem-se à Bacia Hidrográfica Amazônica como a mais vasta e mais caudalosa do mundo. A importância da água tem se tornado alvo de discussões quando a sua conservação e formas de uso. A Lei 9.433¹¹, por exemplo, apresenta como fundamento da Política Nacional de Recursos Hídricos:

¹⁰ A primeira edição desta obra foi publicada em 1971 com título original em inglês: *Amazônia Man and Culture in a Counterfeit Paradise*.

¹¹ A Lei 9.433 serviu de base para estabelecer a Política Nacional de Recursos Hídricos, instituindo o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos na Constituição de 1988.

A conceituação da água como um bem de domínio público, dotado de valor econômico, cujos usos prioritários são o abastecimento humano e dessecação de animais e cuja gestão tem como unidade territorial a bacia hidrográfica.

A importância da água, no entanto, não é alvo somente de preocupações somente políticas, mas principalmente de quem vive e depende dela, em particular dos ribeirinhos que além de tirar dos rios, lagos e igarapés seu sustento, tem no rio seu elemento de vida, resultado de suas experiências vividas com as águas.

Leandro Tocantins em sua obra *o rio comanda a vida* faz alusão à relação do homem com o rio:

O homem e o rio são os dois mais ativos agentes da geografia humana na Amazônia. O rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo à sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos da vida regional.(Tocantins, 2000, p.277)

Witkoski (2007) faz alusão à obra de Leandro Tocantins “O rio comanda a vida” e aponta a primazia das águas como uma das precondições naturais na formação social dos seus habitantes da várzea: *Assim, não seria exagerado afirmar que o rio, na pesca, também comanda a vida*. De fato, a água assume aqui sua importância devida, em desconsiderar que com a chegada das estradas também em áreas próximas aos rios, o lugar começa a sofrer grandes modificações.

Concordamos com Witkoski quando afirma que o rio comanda a pesca. Acrescentamos que o elemento água não deve ser tratado apenas como um elemento da natureza, mas carregado de significados para os ribeirinhos que realizam a pesca artesanal e a qual está implícita na cultura dos habitantes das várzeas amazônicas assim como daqueles que ocupam as margens de rios e lagos em Manaus.

Segundo Loureiro (1995, p 121) *Os rios da Amazônia constituem uma realidade labiríntica e assumem uma importância fisiográfica e humana excepcional. O rio é o fator dominante nessa estrutura, conferindo um ethos e um ritmo à vida regional*. Os ribeirinhos, em particular, realizam suas atividades, em geral, determinadas pela presença marcante das águas em suas margens.

Sternberg depois de uma admirável pesquisa no município Careiro da Várzea – Am, percebeu a profundidade da relação do homem com rio e sua significação para quem habita suas margens:

“A proposição que sustentamos é que a água constitui o elemento da paisagem, através do qual mais agudamente se sentem as vinculações do homem com o meio...o significado da água para a comunidade toma maior relevo e assume aspectos muito especiais” (Sternberg, 1998, p.45)

A respeito dessas águas, pesquisas como de Veríssimo (1895) revelam a riqueza da fauna ictiológica presente nestes cursos d'água ainda no período colonial, por conseguinte nesta literatura também está presente àquele que vive as margens dos rios¹². Dado o período da pesquisa (final do século XIX), tratava-se de uma outra realidade, na qual a abundância de algumas espécies ainda se fazia presente e hoje praticamente encontram-se extintos. No entanto, o peixe ainda constitui a base alimentar das populações que vivem e habitam o interior. Contam ainda, com o fato de em nesses rios existirem as mais variadas espécies de peixes, alguns dos quais de grande porte.

Ao se referir às espécies Veríssimo associa também a pesca ao homem que realiza esta atividade (o pescador):

O meio afeiçoa o homem: o indígena da Amazônia é principalmente ictiófago e, conseqüentemente, pescador (Veríssimo, 1895, p.7).

Obras como a de Veríssimo (1895) nos mostram como eram realizada a pesca, e nos dão suporte para refletirmos sobre as mudanças que sofreram ao longo dos anos; e o que ainda resiste nesta atividade hoje para aqueles que habitam as margens dos rios, lagos, igarapés?

O homem, neste contexto, desempenha um importante papel para o descerramento desta região, segundo Moreira:

O homem...é o fator geográfico por excelência, e isso tanto pelas suas atividades como pela sua própria condição, tanto pelo que realiza como pelo que é: no primeiro caso por ser um modelador de paisagens, no segundo por ser um elemento necessário à sua significação. (Moreira, 1960, p.10)

¹² Refere-se particularmente ao indígena amazônico e/ao caboclo.

Quando se trata do elemento “homem” o autor reflete um pensamento determinista: *“Sob certos aspectos, o que ele tem feito aí representa antes um trabalho de adaptação do que uma conquista efetiva sobre os quadros naturais”* (p.11). Além disso, assim como muitos pesquisadores naturalistas refere-se ao pescador como aquele de vida fácil, cômoda e por que não “o preguiçoso”, afinal ele mora em uma região onde pode encontrar tudo que precisa para sobreviver na natureza:

A mata amazônica é principalmente sem embargo do seu volume e espessura, lhe não é obstáculo à vida fácil e cômoda que leva (Moreira, 1960, p.11).

Questionamos aqui esta visão naturalista do habitante ribeirinho, pois a vida nas margens dos rios exige muito mais que uma simples busca do alimento, necessita também conhecer: a sua dinâmica (como subida e descida das águas); o quê e como encontrar o que precisa para sua existência, quais os perigos que o lugar oferece, enfim, existem muitos outros motivos para se pensar nos modos de vida dos ribeirinhos; na sua percepção do lugar, não apenas com o comodismo cotidiano, mas como aquele que experiencia seu lugar de vida e a ele atribui um significado.

Na Amazônia, dentre as atividades ligadas ao setor produtivo primário, a pesca é uma das que merece maior destaque, pois segundo Brondízio e Siqueira, o pescado tem sido fundamental no suporte dessas populações, constituindo a principal fonte protéica. Esta atividade destaca-se pelo uso de uma grande variedade de apetrechos e pela exploração de uma substancial diversidade de espécies.

A Lei 11.959¹³ Capítulo II, Artigo segundo, de 29 de Junho de 2009, define a pesca como: toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros. E o pescador é a pessoa física brasileira ou estrangeira, que, licenciada pela autoridade competente, pratica a pesca sem fins econômicos, podendo ser ele amador (aquele que pratica a pesca sem fins econômicos) ou profissional (aquele que exerce a pesca com fins comerciais,

¹³ Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679 de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências.

licenciados pelo órgão público competente, atendidos os critérios estabelecidos em legislação específica).

Para melhor esclarecimento da categoria com a qual realizamos a pesquisa acrescentamos que estas informações contribuem também para esclarecer os tipos de pesca existentes na Lei 11.959; A Pesca Comercial, por exemplo, desdobra-se em artesanal e industrial, a saber:

a) artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte;

b) industrial: quando praticada por pessoa física ou jurídica e envolver pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte, com finalidade comercial;

Já a pesca não Comercial pode ser:

a) científica: quando praticada por pessoa física ou jurídica, com a finalidade de pesquisa científica;

b) amadora: quando praticada por brasileiro ou estrangeiro, com equipamentos ou petrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto;

c) de subsistência: quando praticada com fins de consumo doméstico ou escambo sem fins de lucro e utilizando petrechos previstos em legislação específica.

Na Comunidade Vila da Felicidade a pesca atualmente, de forma geral, pode ser classificada como não comercial de subsistência. Embora em pequeno número existam pescadores que tem na pesca sua principal fonte de renda, a pesca deixou de ser a principal fonte de renda para a maioria dos pescadores.

No caso da Comunidade Onze de Maio a realidade se inverte, pois pelo menos oito famílias de pescadores das dez entrevistadas realizam a pesca comercial artesanal, constituindo a principal, e em alguns casos a única fonte de renda dos pescadores.

No âmbito da cidade o pescado nem sempre é o principal alimento, pois por estarem localizados na área urbana, outros alimentos são adquiridos. Para as famílias de pescadores, no entanto, é comum ter o peixe nas refeições.

As Comunidades de pescadores estudadas neste trabalho estão localizadas próximas aos rios principais do Estado do Amazonas: Rio Negro e Solimões. No entanto, os pescadores não realizam a pesca nos grandes rios. Veríssimo afirma que o rio Amazonas propriamente não é um rio de pesca e a influência da dinâmica dos rios na localização do pescado:

A sua mesma vastidão e profundidade, em todo tempo consideráveis, facilitam ao peixe a defesa e dificulta a pesca, a qual é também obstáculo a quase constante agitação de suas águas. Os peixes fogem, outrossim, às suas correntes, procurando quer na enchente, quer na vazante, os meios mais calmos dos lagos, dos igarapés ou dos rios menores. (Veríssimo, 1895, p.20).

Nesse sentido, a procura por lagos e igarapés para a realização da pesca fora das Comunidades se dá pela travessia dos rios.

Segundo Nogueira (2002, p. 94) vários olhares se voltam para a Amazônia: *a do minerador, do madeireiro, dos comerciantes de pescado...E, em meio a estes vários olhares, estão os olhares dos habitantes espalhados ao longo dos rios que, alheios a estes interesses, procuram viver com toda essa natureza, criando com ela seus modos de vida, hábitos, costumes e crença, olhando-a também com muita perspicácia.* É através desta ótica que os pescadores da Comunidade Vila da Felicidade – Mauzinho e Onze de Maio – Colônia Antonio Aleixo em Manaus, praticam a pesca viabilizada pela sua experiência e pela sua relação com rios e lagos que fazem parte de seu cotidiano.

Lançamos aqui um “olhar” mais demorado sobre a atividade pesqueira nestas Comunidades. O conhecimento concernente à pesca, em sua maioria resulta da cultura ribeirinha, onde determinadas atividades são essenciais na vida destas comunidades, é através da pesca que os habitantes de comunidades ribeirinhas adquirem sua principal fonte de proteína, o peixe. Neste contexto, salientamos a importância da transferência desse conhecimento (da pesca, dos rios e do lugar) pelos pescadores das referidas Comunidades, que buscamos assinalar aqui.

2.2 As águas comandam a pesca na Comunidade Vila da Felicidade – Mauzinho.

Em 2007 e 2008, na primeira fase da pesquisa, foram identificados onze pescadores na C.V.F, esse número referia-se a todos os pescadores desta Comunidade. Na retomada do campo, em 2009 esse número caiu para nove, pois dois pescadores já não foram encontrados na Comunidade, um deles Sr. Carlão (faleceu em 2009), oriundo do Careiro da Várzea, morou doze anos na C.V.F, neste período além da pesca ele era responsável pelo conserto das malhadeiras dos pescadores do lugar. Outro pescador, já mencionado anteriormente, o Sr. Antonio Sergio, vindo do município de Codajás, voltou para o seu lugar de origem.

A experiência com a pesca e o fato de vivenciarem com as águas de rios, lagos ou igarapés antes de vir morar na cidade de Manaus, mais precisamente nesta Comunidade, foi o principal fator para a realização da pesca na C.V.F, como constatamos nos relatos abaixo:

Já tem mais de trinta anos que eu pesco, conheço bem o rio da costa do Solimões, lá o peixe é variado...(Sr. Isaac – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Eu gosto do rio, só sei me virar no rio, sei as voltas que ele dá conheço o rebojo; conheço os perigos que existem nele...Vivi um bom tempo da pesca, quase a vida toda...Eu gosto de pescar, mas estou cansado.(Emanuel Corrêa – Sr. Nego – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Segundo Brondizio e Siqueira *Et al* (1992) os **lagos** se desenvolvem em terrenos com depressões rasas. No verão, são geralmente alimentados por pequenos igarapés oriundos da floresta circundante. No período da enchente, são influenciados pelas águas do rio principal, sendo que as partes mais baixas das margens dos lagos, geralmente cobertas por floresta transformam-se em igapós ou mata de várzea.

Os igarapés da Amazônia, em muitos casos podem até ser confundidos com rios, pois apresentam grande extensão e profundidade, para Brondizio e Siqueira (1992), **igarapés** são pequenos rios, caracterizados por possuírem leito bem delimitado, correnteza alta e temperatura da água baixa. Os peixes que habitam esses corpos d'água são, em geral, de pequeno porte e apresentam elevada dependência da floresta ciliar para obtenção de alimento.

A pesca realizada pelos habitantes da Vila da Felicidade, de modo geral, é de subsistência, vários fatores contribuíram para a substituição dessa atividade nos lagos da Comunidade e nos arredores. Um deles diz respeito à diminuição da

quantidade de peixes nestas áreas¹⁴, segundo um dos pescadores da Comunidade, foi à intensificação da pesca comercial nas últimas três décadas, que levou a uma redução do pescado.

Segundo um dos pescadores antigos da Comunidade, há aproximadamente 25 anos atrás a fartura de peixe possibilitava uma vida mais tranquila, não havia necessidade de se dedicar a outras atividades para complementar a renda:

Tudo aqui era uma fartura monstra, eu pescava nos lagos daqui, aqui era um igapozão... Aqui era rico de peixe, nesse lago tinha fartura...até capivara eu matei com arpão...Bicho de Casco tinha um monte...Hoje o que ainda se pesca aí é peixinho pequeno-Cará, muito raro um Tucunaré...(Emanuel Corrêa – Sr Nego – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

A pesca não é mais como antigamente, há muita procura, mas há carência de peixe nas proximidades, houve um tempo que dava pra gente viver de pesca... (Sr. Ataíde – pescador da comunidade Vila da Felicidade).

Pelas razões apresentadas a pesca deixou de ser a única atividade econômica para considerá-los ainda como pescadores apesar da restrição que foi imposta a este grupo ao longo dos anos.

Para os ribeirinhos as águas dos rios, lagos e igarapés, têm suas divisões, suas formas de uso e define sua territorialidade. Rios e lagos podem ser considerados públicos ou território coletivo, ou seja, pode pertencer à Comunidade que ele circunda. Na comunidade Vila da Felicidade os lagos da proximidade: Lago do Cobra (fig.3 e 4), do Jacaré (fig.5) e do Cururu (fig.6) são de uso exclusivo dos pescadores da própria comunidade. Segundo os pescadores “quando vem alguém de fora procuramos saber logo quem é...” Afinal, os cuidados, a conservação, os significados, a relação afetiva pertence àquele que experiencia o lugar.

¹⁴ Referimo-nos principalmente aos lagos situados no interior da Comunidade (Lago do Cobra, Lago do Jacaré, Lago do Cururu), nos lagos situados do outro lado do rio (no Município de Careiro da Várzea), aos rios Negro e Solimões (cujo encontro das águas está situado bem em frente à Comunidade Vila da Felicidade), e aos Paranás também situados nas proximidades.

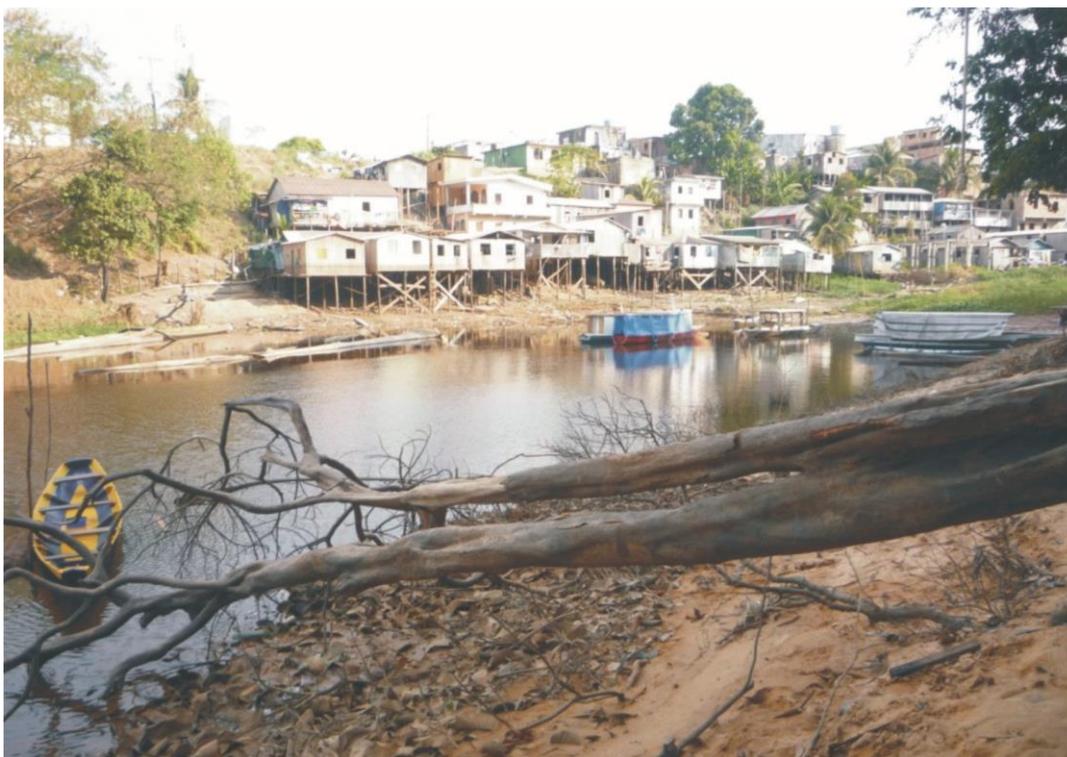


Fig. 3 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Lago do Cobra - vista da área interna da CVF entre cheia e vazante – as moradias remetem as habitações ribeirinhas. Manaus-Am (2009).



Fig.4 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Lago do Cobra na seca – até o período final da vazante o lago chega a desaparecer, fato que limita a pesca neste lago. Manaus-Am (2007).



Fig. 5 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Lago do Jacaré, entre a cheia e a vazante – meninos da Comunidade utilizam canoas para transportar-se. Manaus-Am (2009).



Fig.6 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Lago do Cururu – na vazante, o único lago perene no âmbito da Comunidade que permite a atividade de pesca durante todo o ano. ManausAm. (2007).

Porém, devido à sazonalidade, a dinâmica das águas (cheia e vazante), que ocorre a cada seis meses, é que determina o tempo de pesca e os locais adequados. Durante o período da vazante alguns lagos chegam a desaparecer,

durante esse tempo os pescadores da C.V.F. buscam outros lagos e igarapés para a realização da pesca.

Os lagos mais visitados pelos pescadores fora da C.V.F. é: o Lago do Catalão (segundo os pescadores é o que mais tem peixe), do Pato, do Rei e Lago do Araçá, localizados no município de Careiro da Várzea. Os Paranás mais próximos que também viabilizam a pesca são: do Careiro, Cambixe e Terra Nova, também no Careiro da Várzea. E, dependendo da distância a atividade da pesca é realizada em até três dias, para isso, os pescadores da C.V.F. carregam consigo mantimentos e se organizam de forma individual ou em grupo um tipo de “acampamento”, improvisam uma “barraca” para dormir. Na cheia, segundo os pescadores *“dá pra dormir na canoa mesmo durante as noites”*. Em algumas ocasiões, os habitantes das margens de rios e lagos oferecem hospitalidade (característica marcante dos ribeirinhos).

No caso da Comunidade Vila da Felicidade, segundo os pescadores, não há necessidade de realizar o controle dos lagos, pois estes, durante o período de várzea secam quase completamente, diante deste quadro o lago é pouco frequentado por outros pescadores. A oferta de peixes na cheia também é escassa, mas os pescadores da Comunidade já conhecem as regras das outras Comunidades ribeirinhas que controlam a pesca nos arredores, fato que delimita suas atividades em determinados períodos. Apesar desta limitação os pescadores não discordam das regras e afirmam:

Concordamos com o “empate” realizado pelos moradores das famílias próximas dos lagos, porque achamos justo, afinal são eles que cuidam dos lagos”. (Carlos Lima – Carlão – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

A posse dos lagos e igarapés nas Comunidades ribeirinhas, como forma de controle da ictiofauna, poderá ser juntamente com outras medidas uma estratégia promissora para o desenvolvimento sustentável dos recursos da várzea. Essa medida aponta, além da preocupação dos habitantes da várzea com a conservação da natureza, a valorização do lugar...do rio... que consideram seu espaço de vida. Como bem coloca Baily *apud* Nogueira:

O homem é o ator geográfico, o lugar é seu espaço de vida, todas as relações aí se misturam num labirinto de ligações veiculando nossos sentimentos, nossas memórias coletivas e nossos símbolos...o sentido do

lugar reflete a qualidade percebida de um espaço...Esse lugar é essencial na identificação humana... (Nogueira, 2001, p.41).

Os pescadores da C.V.F. entendem que apesar das dificuldades enfrentadas, a pesca faz parte de suas vidas, por uma ou outra razão, não faz sentido abandonar esta atividade uma vez que a proximidade em que se encontram com rios e lagos e a experiência que trazem consigo corroboram para a realização da pesca, além de, muitas vezes, complementar a renda familiar.

Constatamos assim como Nogueira (2001) que ao observar a narração dos ribeirinhos percebemos em alguns trechos de suas falas o conteúdo simbólico que o lugar representa no cotidiano dessas pessoas. O lago onde é pescado o peixe, o vaivém das embarcações, a subida e a descida das águas, assim como o próprio entorno de sua casa, estão fortemente impregnados no mundo subjetivo desses habitantes. São experiências que se repetem no âmbito da cidade de Manaus, porém por se localizar em áreas urbanas recebem nova configuração.

Há ainda o hábito da transmissão de conhecimentos, que passa de uma geração a outra. Nas Comunidades ribeirinhas é comum nos depararmos com filhos de pescadores ainda pequenos que acompanham seus pais na pesca, e, ao mesmo tempo absorvem novos conhecimentos e adquirem novos costumes. Transforma-se também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seio da Comunidade.

É neste sentido, que assim como Claval entendemos que a cultura não se trata de um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. O indivíduo, ao longo do tempo, acumula as informações estruturadas, sua formação se dá quando eles interiorizam o quadro de valores que os insere em um destino coletivo.

As mulheres dos pescadores têm um papel fundamental no modo de vida da comunidade, ocupa-se em manter a casa, educar as crianças e em garantir todos os dias as condições para que os pescadores possam repor as energias. No entanto, no caso da Comunidade Vila da Felicidade as mulheres não costumam acompanhar seus maridos na pesca, somente em casos raros (Fig. 7).

Outro ponto importante que deve ser evidenciado é o fato de 100% dos pescadores da Vila serem oriundos de comunidades ribeirinhas do Amazonas e também do Ceará (ver Quadro 1) e já praticavam a pesca em seu lugar de origem.

Em sua maioria não tiveram oportunidade de estudar, mas carregam consigo uma vasta experiência.



Fig. 07 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Mulher de Pescador da C.V.F, sua participação na pesca está voltada para o preparo da alimentação e o cuidado com a casa e dos filhos, porém isso não anula a sua importância e o seu conhecimento a respeito da atividade pesqueira, nesta imagem mostra a malhadeira. Manaus-Am. (2007).

Quadro - 1

Nome	Origem	Tempo de moradia na C.V.F.	Atividades econômicas	Escolaridade
Sr. Ataíde	Coari	22 anos	Pesca, pequeno comércio, carpintaria, pedreiro	Ensino fund. incompleto
Isaac	Manaquiri	20 anos	Pesca e vigilância	Ensino fund. incompleto
Raimundo Dias	Carauari	25 anos	Pesca	Ensino fund. incompleto
Carlos Lima	Careiro da Várzea	10 anos	Pesca e no conserto de malhadeiras	Ensino fund. incompleto
Ribamar	Ceará	18 anos	Pesca, Prestador de Serviços nos navios que atracam na Ceasa.	Não estudou
Auzimar	Careiro da Várzea	25 anos	Operador de empilhadeira, carpintaria e pesca.	Ensino fund. incompleto
Antonio Sérgio	Codajás	23 anos	Marcenaria e pesca.	Ensino fund. incompleto

Emanuel Corrêa	Anori	26 anos	Pesca e carpintaria naval,	Não estudou
-------------------	-------	---------	-------------------------------	-------------

Nogueira (2001, p.38) afirma que *o mundo é aquilo que eu experiencio e que é experienciado pelo outro*, neste sentido, os relatos de habitantes antigos da Vila da Felicidade indicam a experiência adquirida no convívio com as águas, ao longo de sua história de vida.

Vim de Coari em 1966, morei no Educandos (bairro), lá (em Coari) eu já pescava com meu tio desde criança, meu pai não deixava eu ir sozinho. Quando cheguei aqui um amigo me convidou para a pesca, nunca mais faltou o que comer. Além do mais a pesca é relaxante, às vezes nos acalma...Agora pesco por prazer...(Sr. Ataíde – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Já tem mais de trinta anos que eu pesco, conheço bem o rio da costa do Solimões, lá o peixe é variado...(Sr. Isaac – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Yi Fuan *apud* Nogueira (2001, p. 43) acrescenta que *o lugar, portanto, é constituído a partir da experiência que temos dele. Nesta experiência, está expressa uma relação, sobretudo afetiva, emocional, simbólica e mítica com o lugar*. Em vários aspectos podemos apontar a experiência dos pescadores da Vila da Felicidade, desde o morador (e pescador) mais antigo, e ainda aqueles cujas atividades são remanescentes do seu lugar de origem. Essas experiências, porém, nem sempre remete às boas lembranças, também despertam o sentimento de topofobia (medo em relação a alguns lugares).

A pesca...é muito sofrido...perdemos noites de sono, prejuízo com material como rede destruída pelos animais como jacarés (fig. 8). Enfrentamos dificuldades com barco grande é difícil, desvaloriza o peixe pequeno. (Carlos Lima – Carlão – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

A experiência não está relacionada apenas com a natureza e com o lugar, mais também com a atividade econômica ligada à pesca e os instrumentos por eles utilizados, sobre o assunto Sr. Emanuel afirma:

A pescaria de antigamente não é como de agora, pescador é aquele que anda no igapó, pesca com arpão e flecha, não é qualquer um que sabe pescar. Hoje é difícil ter um pescador de verdade... (Emanuel Corrêa – Sr. Nego – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).



Fig. 08 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Malhadeira rasgada pelos jacarés, apontada como um dos maiores problemas enfrentados na realização da pesca. Manaus-Am. (2007).

Esse conhecimento adquirido ao longo dos anos é que, segundo Sr. Emanuel, o torna um “verdadeiro” pescador. Os instrumentos de pesca estão inseridos neste contexto, pois o pescador deve saber manuseá-lo e utilizá-los de acordo com o tipo de pescado que será coletado. Os instrumentos mais utilizados pelos pescadores da Vila são:

- A Malhadeira (Fig.09) - é utilizada tanto na vazante como na cheia pode ser considerada como um apetrecho de pesca artesanal;



Fig.09 – Pinto, Iléia Maria de Jesus Pinto. Pescador da Vila tecendo a malhadeira na varanda de sua casa, a produção da malhadeira na C.V.F geralmente é realizada pelo próprio pescador. Manaus-Am. (2007).

- Tarrafa (fig.10), segundo instrumento de pesca mais utilizado pelos pescadores depois da malhadeira, a maioria delas possui uma área de mais ou menos 20 m², sendo usada, preferencialmente, em locais onde haja considerável densidade de peixes; Essa é a causa pela qual são mais empregadas durante a seca, quando os peixes estão mais concentrados nos lagos; é um apetrecho operado em duplas; a tarrafa é bastante utilizada nos Lagos da Vila da Felicidade, para a captura do Cará, Tucunaré e Mapará.



Fig. 10 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Demonstração da pesca no Lago Cururu com uso da Tarrafa, instrumento que exige a participação de dois pescadores. Manaus-Am. (2008).

- Linha comprida ou Linha de mão - utilizada para capturar o peixe liso (Surubim),
- Zagaia - usada como apetrecho para apanhar os peixes de escamas Acará-acu, Aruanã, Bodó, Cará, Cará-preto;
- Flecha – para capturar peixes de escamas.
- Arpão - para capturar também peixes de escamas¹⁵;

Outros instrumentos auxiliares foram apontados pelos pescadores como a Agulha, linha e régua, utilizada na tecelagem da malhadeira (Fig. 11), e o Rapuxé uma espécie de instrumento utilizado para retirar o peixe de “linha comprida”, ou o remo – utilizado para movimentar as canoas sobre as águas (Fig. 12).

¹⁵ Segundo Veríssimo (1895, p.29) o arpão consta de uma longa haste de madeira, cilíndrica, de desiguais diâmetros e de uma ponta de ferro chamada “bico”, armada de duas outras pontas laterais, recurvadas pra cima. O objetivo destas farpas é não deixá-lo sair do corpo do animal, antes segurá-lo aos repelões para dele livrar-se. O autor trata deste instrumento quando discorre a respeito da pesca do Pirarucu (peixe grande) hoje bastante raro nos rios devido a grande procura dessa espécie.



Fig. 11 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Agulha, linha e régua instrumentos utilizados na produção de malhadeiras. Manaus-Am (2007).



Fig. 12 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Rapuxé e Remo - Instrumentos auxiliares na pesca. Manaus-Am. (2007).

Além da questão cultural, outra razão que levou esse grupo a praticar a pesca, segundo os pescadores, foi a falta de oferta de trabalho na cidade de Manaus. A pesca garantia a sobrevivência de suas famílias, logo que chegaram à

Comunidade, e pela oferta da ictiofauna era possível comercializar o peixe na cidade e obter uma renda mensal. Atualmente a pesca é apenas, em sua maioria, uma atividade complementar, mas foi durante anos a principal renda destas famílias (ver tabela 1 - outras atividades econômicas exercidas por este grupo).

Houve um tempo que nós vivia só da pesca, durante vinte anos, a pesca foi a única renda da família (Sr. Ataíde – pescador da comunidade Vila da Felicidade).

No final de semana, a pescaria é uma aventura, às vezes pesca, às vezes não... (Antonio Sergio – Pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Identificado como o principal ponto em comum entre os pescadores o fato de todos terem origem de outras localidades próximas a rios ou lagos, verificou-se que há também uma troca de experiências e um auxílio mútuo na realização desta atividade, geralmente organizam-se em grupo de dois ou três para desempenhar esta tarefa. Ainda que a maioria dos pescadores da Comunidade não pesca de forma intensiva, eles se conhecem e sabem os dias e os horários em que cada um costuma sair para os lagos ou rios, em busca do pescado.

Hoje o contato com os outros (pescadores) é raro porque tenho pouco tempo, às vezes a gente até se encontra lá no rio, mas agora é mais difícil. (Sr. Ataíde – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Geralmente, saímos dois ou três (pescadores) assim é melhor, pois um protege e ajuda o outro quando precisa... Às vezes saímos juntos, ou se encontra lá...(Ribamar - pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Pesco com dois ou três vizinhos durante a manhã. Às vezes ficamos o dia inteiro, na cheia quanto tá mais difícil de peixe ficamos até a noite ou até o dia seguinte (Auzimar – pescador da comunidade Vila da Felicidade).

A inserção da modernidade no meio rural foi também identificada como um diferencial entre a Comunidade atual e a comunidade pretérita, e de certa forma influencia e modifica os costumes de um determinado grupo. Principalmente no caso das Comunidades citadinas, por localizarem-se na cidade ou próximas destas. A esse respeito, o Sr. Ataíde (pescador) afirma que quando parte de canoa, sozinho e sofre um pequeno acidente lá no meio do rio, liga do celular e solicita que uma das voadeiras a serviço no Porto da Ceasa vá a seu encontro.

O papel da Geografia cultural, neste sentido, perpassa pela história passada e pelas atuais mudanças ocorridas no lugar e no modo de vida da comunidade. Para

Corrêa & Rozendahl (1999, p.23) *o desenvolvimento da geografia cultural procede necessariamente da reconstrução das sucessivas culturas de uma área, começando pela cultura original e continuando até o presente*. A cultura não é imutável, estática, transforma-se também sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio.

A nova geração que também poderia ser apontada como “herdeiros” do conhecimento sobre os rios e a pesca, vivenciando entre o urbano e rural adotam principalmente os costumes da cidade grande, pouco se envolvendo com os costumes de seus pais. Há ainda aqueles que acompanham seus pais, irmãos ou tios, como mostra os relatos a seguir:

Meus filhos até já me acompanharam na pesca, mas não se acostumaram, agora é diferente, eles tem oportunidade de estudar... (Sr. Ataíde – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Eu pesco junto com meu irmão, é o que sabemos fazer...(Carlos Lima – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

Meu filho tem dezessete anos, às vezes ele pesca comigo, mas não é sempre, ele trabalha em outras atividade. (Ribamar – pescador da comunidade Vila da Felicidade).

Às vezes levo meu filho de nove anos ele gosta de me acompanhar, os outros (filhos) têm medo. (Antônio Sergio – Pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

De acordo com os depoimentos dos pescadores, percebemos que a cultura pode ser apontada como um elemento de resistência, considerando que os filhos, na maior parte do tempo vivenciam as atividades inerentes à cidade, e mesmo assim, ainda que em pequeno número acompanham seus pais nas pescarias (Fig.13). Sobre a transmissão do conhecimento, Claval (1999, p.63) enfatiza:

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos que fazem parte. A cultura é herança de uma geração a outra.

Claval afirma que para cada um, a cultura é primeiramente uma herança. E salienta a importância do papel da família na transmissão do conhecimento. Outro ponto a acrescentar, diz respeito ao fato de para algumas crianças e adolescentes da comunidade a pesca é algo que está intrinsecamente ligado ao seu “mundo vivido”. Como exemplo, podemos apontar o caso de um dos filhos do Sr. Antônio Sergio que o acompanha desde pequeno (hoje com 12 anos de idade) e já adquiriu

um vasto conhecimento a respeito das águas e da pesca. A criança mostra seu instrumento de pesca, pequena rede de pesca apropriada para seu tamanho (fig.13).



Fig. 13 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. O jovem pescador apresenta sua própria malhadeira produzida proporcionalmente ao seu tamanho. Manaus-Am (2007).

Em 2007, na primeira etapa da pesquisa o Sr. Antônio Sergio nos convida para demonstrar a pesca no Lago do Cururu (fig.14), o filho mais novo, corre, calça as sandálias e diz: *se vão pescá, vou com vocês.*



Fig. 14 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Pescadores e menino a caminho da pesca no Lago do Cururu, na vazante, neste período a pesca torna-se pouco comum neste Lago, pois não há muitas variações nos tipos de pescado. Manaus-Am.(2007).



Fig. 15 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Filhos de pescador passeando de canoa no Lago do Cobra, realidade comum na C.V.F, as crianças demonstram familiaridade com esse tipo de transporte. Manaus-Am (2007).

Como já foi citado anteriormente o Lago do Cururu é o único que se mantém (ainda que em nível bem baixo) durante as vazantes. Segundo os pescadores a pesca nesse período é melhor que nas cheias, pois os peixes “ganham espaço” e se espalham, na vazante estes se concentram, ou deságuam para o rio. No final do mês de Novembro, ou início de Dezembro, a águas começam novamente a subir, então os Lagos do Cobra e do Jacaré voltam a cobrir a parte interna da Comunidade.

Nos outros dois lagos, na época da vazante, quando estes desaparecem, ocorre uma mudança visível na paisagem, e, os barcos de pesca antes navegados inclusive por crianças, ficam abandonados, ou mesmo “estacionados” aguardando o retorno das águas no período da cheia (fig. 16 e 17).



Fig. 16 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Barco “estacionado” no Lago do Cobra na vazante, durante esse período alguns pescadores não utilizam seus barcos. Manaus-Am (2007).



Fig. 17 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Canoa no Lago do Cobra durante a seca, quando o Lago desaparece esse meio de transporte não é utilizado pelos moradores do lugar, somente pelos pescadores quando se encaminham para outros lagos ou igarapés. Manaus – Am. (2007).

2.3 As águas comandam a pesca na Comunidade Onze de Maio – Colônia Antônio Aleixo

Sem o rio o pescador não é ninguém...
(Sr. Júlio – pescador da Com. Onze de Maio)

Na Comunidade Onze de maio, a pesca, como já foi mencionada anteriormente, constitui-se em, sua maioria a principal atividade econômica dos pescadores. Somente 20% dos pescadores entrevistados possuem outra renda além da pesca, nestes casos são aposentados, dessa forma, sua única atividade é a pesca. 70% do total vieram de municípios do Estado do Pará e do Amazonas e 10% nasceu em Manaus. Particularmente, essa realidade se dá pela satisfação dos pescadores em manter-se em contato com as águas, assim como relata um pescador morador da Comunidade há cinquenta anos:

Aqui morava pouca gente, era só mato e água, é muito bom pra morar... O motor tá aqui, daqui só faço pular pro rio. Eu gosto mesmo é de mato e

água. Nesse período de seca não dá pra sair muito, eu fico aqui agoniado...esperando o rio encher...Quando enche eu vou embora...(Sr. Iranildo – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

A religião católica é predominante entre os pescadores o que nos faz ponderar que muitos pescadores vivenciaram a formação de comunidades no seu lugar de origem, frequentaram a capela para participar de missas ou cultos, fizeram parte dos festejos da Comunidade em homenagem ao santo padroeiro, entre outros costumes das Comunidades ribeirinhas do interior do Estado. Esses costumes não se repetem no âmbito da Com. Onze de Maio, porém alguns pescadores afirmam participar das festas das Comunidades do outro lado do rio.

A igreja católica, no entanto, foi e ainda é de uma atuação marcante na Colônia Antônio Aleixo, pois segundo os pescadores mais antigos do lugar, o responsável pelas melhorias para a Comunidade foi o Padre Ludovico Crimela, responsável pela perfuração de poços artesianos, que são geridos pela própria comunidade e garantem o abastecimento de água potável. Também a construção da primeira escola da Comunidade Onze de Maio, que é a mais desenvolvida do bairro foi de responsabilidade do próprio padre, a qual foi batizada Escola Municipal Nossa Senhora das Graças.

Com relação à realização da pesca todos iniciaram esta atividade ainda na infância, ou seja, tem na transmissão do conhecimento adquirido dos pais ou parentes. Pescar, segundo os pescadores do lugar requer conhecimento, não basta jogar a rede...

Lá em Coari eu já pescava com meu pai desde criança...Foi ele que me ensinou a pescá, quando viemos pra cá, porque ele estava doente, eu continuei pescando, até hoje é o que eu gosto de fazer... (Sr. Iranildo – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

No Curari eu vivia da pesca...A gente vai pescando e vai aprendendo...O peixe é da água ele sabe se defender... (Sr. Júlio – pescador da Comunidade Onze de Maio – C.A.Aleixo)

Um dos meus filhos aprendeu a pescá, agora ele vive da pesca, mas lá do outro lado (na Terra Nova) ele tem dezessete anos e aprendeu a pescá com nós (Sra. Lucimar – pescadora da Comunidade Onze de Maio – C.C.Aleixo)

Salvo exceções, como o caso do Sr. José Rodê que veio de Alter do Chão (Pa) há aproximadamente 20 anos para Manaus, residiu por um curto período no

bairro da Cachoeirinha e quando conheceu sua esposa na Colônia Antonio Aleixo decidiu vir morar na Comunidade:

Minha esposa nasceu aqui na Colônia (Colônia Antonio Aleixo), toda família dela pescava, ela me ensinou...com ela aprendi a usar: tarrafa, malhadeira, espinhel, zagaia, flecha...tudo eu aprendi a fazer quanto usar, hoje eu mesmo faço meus instrumentos...(Rodê – pescador da Comunidade Onze de Maio).

A transmissão do conhecimento em relação à pesca na cidade pode ser considerada irrelevante, pois os filhos dos pescadores em geral, estão muito mais envolvidos com os costumes da cidade. Frequentam a escola do bairro, trabalham no centro da cidade ou em outros bairros, e dedicam pouco tempo à pesca. Na Onze de Maio é nos finais de semana que toda família se reúne para a pesca ou o banho no Lago do Aleixo e nas proximidades.

Outro exemplo na Comunidade é a família do Sr. Raimundo que juntamente com sua esposa pesca há quase cinquenta anos, e transmitiram essa atividade para os dois filhos, e o mais novo de dezessete anos, atualmente é pescador na Comunidade de Terra Nova no Careiro da Várzea.

Esse fato aponta a mulher não apenas como aquela que dá suporte à família para a realização da pesca, mas que também é pescadora atuante. Na Comunidade Onze de Maio identificamos apenas uma mulher pescadora, mas foram identificadas outras que vivem da pesca nas Comunidades mais próximas Fé I e Fé II.

No relato abaixo podemos constatar como se comporta a mulher na pesca na Comunidade Onze de Maio:

Eu aprendi a pescá e a plantá roça aqui mesmo na Colônia Antonio Aleixo, com meu irmão mais velho, que é pescador e mora aqui (na Colônia) também. (Sra. Lucimar – pescadora da Comunidade Onze de Maio).

Pesco com minha esposa quando vou pra mais longe, eu na proa e ela popa. Ela também sabe pescá. (Sr. Raimundo – Pescador da Com. Onze de Maio).

O lago mais próximo é o do Aleixo (Fig.18), outro lago mencionado pelos pescadores é o Buraco do Oscar, localizado nas proximidades, onde geralmente os pescadores da Comunidade Onze de Maio e também das outras Comunidades da Colônia Antônio Aleixo costumam se reunir e realizar juntos a pesca.



Fig.18 – Matos, Mauro Cesar Franco. Lago do Aleixo – principal lago da Comunidade, pescadores e moradores da Comunidade utilizam canoas ou voadeiras como meio de transporte local. (2009).

Na vazante a pesca torna-se inviável, no Lago do Aleixo, segundo os pescadores locais uma fábrica de papelão despeja diariamente resíduos no lago, e durante a vazante esse material concentra-se no fundo do lago e impede a realização da pesca, por esse motivo a pesca só é realizada quando o rio está enchendo. Já no Buraco do Oscar o lago é temporário e desaparece durante a vazante, além do mais quando o rio está secando: “O boto vermelho não deixa ninguém pescá ele rasga a malhadeira”.

Pelas razões mencionadas outros lagos e igarapés são buscados pelos pescadores. Respeitam, porém as normas impostas pelas Comunidades onde costumam ir:

Eu tenho liberdade porque conheço e ajudo as pessoas de lá. Agora está fechado para quem não mora lá porque o rio ta seco, só podemos ir pra lá na cheia (Jhonny – pescador referindo-se a pesca nas Comunidades do Careiro da Várzea).

Já pesquei em Presidente Figueredo...No rio Urubu, no Curari (Careiro da Várzea), Cacau Pirêra, agora pesco na Terra Nova e aqui no lago da Colônia (Lago do Aleixo)...Aqui o lago é pai de todo mundo, vem gente da Vila da Felicidade, Puraquequara...é livre...O pessoal do Catalão também...Um pesca na área do outro. A gente brinca sobre isso nas reuniões, mas não tem problema... (João Alves – pescador da Com.Onze de Maio – C.A.Aleixo).

O pessoal deixa porque a gente se dá com eles. Não pode é chegar na marra, sem pedir e ainda leva a malhadeira (Sr. Raimundo – pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

No Curari não tem problema pescar, mas quando o lago fecha (na vazante) só pode pescar pra comer. Fica restrito pro pessoal de lá. Daí eu pesco no beiradão...Mas a pesca é boa em qualquer tempo...(Sr. Júlio – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Eu pesco na Terra Nova...em área reservada eu não pesco, porque ninguém deve brigar. Deus deu pra todos...Onde pesco ninguém me manda embora porque só vou onde me conhecem.(Sr. Iranildo – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Além do Lago do Aleixo os pescadores da Onze de Maio costumam frequentar lagos e igarapés das Comunidades Camboia, Chibuí, Terra Nova, Curari (Careiro da Várzea), Machantaria e o Lago dos Reis (Careiro da Várzea) e do Catalão.

Embora a pesca se constitua como um importante meio de geração de renda para os pescadores da Comunidade Onze de Maio, a dinâmica dos rios (cheia e vazante) também “dita” regras para os períodos e locais em que a pesca deve ser realizada. De acordo com os pescadores, de dezembro a junho o rio enche... a partir de julho as águas começam a descer...e atinge seu pico no mês de outubro até novembro e o nível das águas volta a subir... “O momento que o rio pára e começa a encher ou a secar é reconhecido pelos pescadores como o repiquete”.

A percepção que o pescador tem do rio e a experiência que permitiu observar e conhecer o rio contribui grandemente na realização da pesca. Da mesma forma, a presença ou ausência das “feras” (jacarés e cobras) também são acauteladas pelo movimento das águas. A partir dessas observações é que são tomadas as medidas necessárias para a pesca:

A gente sabe que já deu o repiquete porque às vezes a canoa está bem presa... No outro dia ela já está se mexendo mais... Está mais frouxo o amarrado, quer dizer o rio começou a encher e moveu a canoa... A gente observa também o mato no fundo do rio o mato vai pro fundo...quando enche, enche muito rápido (Jhonny – pescador da Com. Onze de Maio).

Só pesco aqui na cheia. Na vazante é ruim porque a fábrica de papelão aqui perto joga muito resto e aí a água não corre o rio fica perigoso a gente pode até pegar malária... (Sr. Raimundo - Pescador da Com.Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Na cheia a pesca é melhor porque os peixes são mais variados (Raimundo Pessoa – Pescador da Com.Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Os distintos períodos (cheia e vazante) pelo que observamos, revelam diferentes momentos na vida dos pescadores. A vazante não propicia a pesca no Lago do Aleixo, e ainda impede que a retirada do barco para conduzi-lo a outros lagos, igarapés ou rios. Esse fato ocorreu, segundo o pescador, devido a seca ter atingido também a área mais próxima de sua casa, dessa forma não poderia “estacionar” seu barco em outro lugar, pois ficaria longe de sua casa e desprotegido (Fig.19). Durante a cheia a água, em alguns casos chega a invadir suas casas (Fig.20):



Fig. 19 – Pinto, Iléia Maria de Jesus. Pescador retirando o barco na seca próximo de sua casa. Manaus-Am. (2010)



Fig.20: PINTO, Iléia Maria de Jesus. Marcas d'água na casa do pescador na cheia de 2009, neste período a família abrigou-se no barco de pesca. Manaus-Am. (2010).

A experiência também é fundamental na escolha dos instrumentos de pesca e apetrechos utilizados pelos pescadores nos remetem àqueles já usados no século XIX pelos primeiros habitantes da Amazônia, os índios. Os pescadores da Comunidade, em geral, possuem pelo menos um barco pequeno a motor, não são pescadores embarcados (não possuem barcos grandes de pesca), e realizam a pesca de forma artesanal.

Os instrumentos mais utilizados, que aqui associamos a pesquisa realizada pela Acta Amazônica, foram: a Malhadeira (Fig.21) – É o instrumento de pesca mais utilizado pelos pescadores da Com. Onze de Maio – Segundo Miguel Petrere (1978, p.13) trata-se de um aparelho que tem dimensões muito variáveis, custa relativamente pouco e caracteriza a pesca individual. Na Com. Onze de Maio os próprios pescadores consertam suas malhadeiras quando necessário, e costumam comprar seus materiais de pesca na área mais central da cidade; Aste ou Arpão – Segundo os pescadores, é utilizado para capturar o peixe fera (os maiores) e também para se defender do jacaré, a esse respeito Petrere (p.18) afirma que este instrumento era utilizado para a captura do Pirarucu. Consta de uma haste longa e pesada com uma ponta de ferro que se encaixa numa de suas extremidades e é presa a ela através de uma corda; a Flecha – pouco utilizada pelos pescadores da

Comunidade, a descrição deste, de acordo com Petrere (p.20), trata-se de um arco e uma flecha retesada que é disparada sobre o peixe; Zagaia – empregada principalmente na pescaria do Tucunaré, a qual denomina, segundo Petrere (p.19) “pescaria de facho”. É um tridente que é usado em conexão com uma luz forte (lanterna, luz ligada à bateria) à noite; além de Espinhel e Ponta de linha. Além dos instrumentos de pesca fazem parte da realidade dos pescadores a canoa, o remo, o isopor utilizado para acomodar o peixe, entre outros.

Os peixes mais procurados e capturados pelos pescadores da Onze de Maio são o Tucunaré, Aruanã, Curimatá, Carauaçu, Pacu, Bodó (no lago dos Reis), Piranha, Pacu, Surubim, Caparari, Cará, Jaraqui, Aracu, Sardinha, Apapá, Curimatá. No lago do Aleixo o peixe que se encontra em maior quantidade é o Jaraqui.



Fig. 21 – PINTO, Iléia Maria de Jesus. Pescador da Comunidade Onze de Maio nos mostra sua malhadeira e o isopor onde condiciona o pescado para a comercialização. Manaus-Am (2010).

Embora todo pescado seja vendido na própria comunidade, há aqueles dias em que um certo número de pescadores se reúnem para realizar a pesca em maior escala com o objetivo de vender o peixe para as grandes empresas. Porém, são atos pontuais. De diversas formas o peixe é vendido no próprio bairro, há aqueles que colocam uma banquinha (pequena mesa feita de madeira) expõem o peixe e realizam o pequeno comércio. Há também aqueles que colocam o peixe numa caixa

grande de isopor com gelo, que é encaixada num carrinho e saem nas ruas do bairro oferecendo. Dessa forma, não há na Comunidade uma forma única de comercialização do pescado, cada pescador busca a melhor maneira para realizar essa atividade.

O peixe eu coloco num carrinho...vou andando na rua e oferecendo...vendo aqui mesmo na comunidade, por isso só pesco duas a três vezes na semana, porque é melhor vender no final de semana, tem muita gente que vai pros banhos e compra aqui. (Sr. Raimundo – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo)

Vendo no bairro mesmo, faço uma barraquinha, coloco o peixe em quatro caixas de isopor de 170 litros, as pessoas passam e compram... (Sr. Júlio – pescador da Comunidade Onze de Maio – C.A.Aleixo)

Vendo o peixe na Comunidade, não pesco todos os dias, tem dias que dá uma praga de botos... Tem um rapaz que compra o peixe, ele é da Comunidade... Nada é fixo, é como dá pra fazer... (Francisco Gomes Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

O comprador fica no flutuante ele compra e revende na Panair. Na Panair o quilo da Piraíba, por exemplo, é R\$ 6,00 o comprador adquire por R\$ 4,50 e vende por 10,00 para o fornecedor de fora (Jhonny);

Em muitos casos, observamos os costumes ribeirinhos nas casas dos pescadores: um café recém-preparado a ser servido, uma rede na varanda, a criação de pequenos animais (galinhas e patos) e de porcos no quintal ou no porão das casas (fig. 22), a pequena horta em canoas (Fig.23), a hospitalidade típica do ribeirinho, além das histórias e mitos que se reproduzem também na cidade.



Fig.22 – PINTO, Iléia Maria de Jesus. Criação de pequenos animais (galinhas e patos) ao fundo, a venda só é realizada em caso de extrema necessidade, a criação destina-se basicamente para alimentação da própria família. Manaus-Am. (2010).

Percebemos também a presença da cultura ribeirinha na forma como são construídas as casas dos pescadores: de frente para o lago, de madeira com altura suficiente para que não seja alcançada durante as cheias (Fig.24) e sempre com uma varanda na frente, normalmente frequentada após as refeições. O conhecimento sobre a dinâmica do rio, como observamos, é relevante na configuração da moradia do ribeirinho:



Fig.23 – PINTO, Iléia Maria de Jesus. Pequena horta em canoa desativada. Manaus-Am. (2010).

A casa foi feita assim por causa do rio, já sabemos a base do rio, a (enchente) do ano passado foi maior faltou uns dez centímetros pra chegar aqui... (Francisco Gomes – Pescador da Com. Onze de Maio – Colônia A.Aleixo)



Fig.24 - Casa de pescador de frente para o Lago do Aleixo, imprimindo a importância do Lago do Aleixo para os pescadores. Manaus-Am. (2010).

As histórias de experiências vividas no lugar misturam-se as histórias imaginárias, ultrapassando o limite do real. Estas histórias, de alguma maneira dão sentido ao lugar e a situações vividas pelos ribeirinhos.

Estas histórias narram e dão sentido ao “mundo vivido” de quem vivencia estes lugares e são fundamentais na compreensão dos mesmos. As histórias contadas em sua essência são repletas de conhecimentos sobre o lugar, porque surgem da relação (experiência) que seus habitantes têm com este, também contribuem no sentido de proteção da natureza quando apontam os perigos presente nos lugares.

Ainda que as histórias narradas sirvam de instrumentos de proteção da natureza e do lugar, muitas vezes são vistas com um sentimento de Topofobia, ou seja, os habitantes sentem receio ou medo de frequentar determinados lugares.

Na realização da pesca ou simplesmente por morar bem próximo ao Lago, os ribeirinhos citadinos também foram e ainda são testemunhas da existência do boto (o peixe encantador), assim como da cobra grande. Na Comunidade Onze de Maio em particular as histórias misturam-se entre mito e realidade, fatos são contados, principalmente, por pescadores que nasceram e cresceram na própria Comunidade.

O Boto, segundo os pescadores, não é um peixe qualquer se trata da espécie mais respeitada nas áreas ribeirinhas, pois é capaz de encantar, e quando não aprova a pesca pode provocar o naufrágio do barco e/ou do pescador. A lenda que faz do boto também um homem que à noite procura as moças para encantá-las leva populações inteiras a não tê-los como refeição. Muito raro é consumido pelos pescadores e suas famílias. Ele é dotado de inteligência e enfrenta o homem, causando-lhe danos, e por isso o pescador se mantém atento aos seus atos, busca soluções para conviver com essa espécie na disputa pelas águas e peixes, de tal forma, que se torna respeitado no meio daqueles que ocupam as águas. A distinção do Boto Vermelho para o Boto Tucuxi merece destaque, enquanto o Boto Vermelho persegue o pescador o Tucuxi é considerado amigo:

O Boto Vermelho rasga a malhadeira, se a gente não matar ou não for embora eles chamam os outros para destruir... O boto Tucuxi, não, são dóceis. (José João Rodê) - Pescador da Com. Onze de Maio – C.A. Aleixo)

O Boto Vermelho mata o homem. O Preto ou Cinza, nós rasga a rede pra ele sair, mas a gente não mata porque ele é bonzinho (Sra. Lucimar – Pescadora da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

O Boto Tucuxi vê o pescador sem peixe e traz o peixe pra ajudar o pescador. O pescador respeita o Tucuxi e o libera quando ele cai na malhadeira... (Jhonny – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A. Aleixo)

O Boto é moleque... se demonstrar medo aí é que ele faz...Segura na crilha da canoa pra ameaçar, mas pegue na aste...ele foge logo, logo...Houve o caso de um pescador que trepou no galho de uma árvore depois de muita perseguição do boto, isso era cinco da manhã...Nunca passei por essas histórias, nem quero...(Sr. Francisco Gomes – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A. Aleixo).

Já capturei um boto vermelho...fazia tempo que ele andava por aqui (perto de casa). Eu estava dormindo na canoa quando ouvi o barulho era o boto rasgando a malhadeira. Peguei a aste e o visgo arpuei e puxei ele pra beira...Ele assobia avisando os outros, matei ele com uma faca, depois ele apareceu na praia, todos os botos que são mortos aparecem lá (na praia mais a frente). (Jhonny – pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Quando o boto vermelho tá na área não adianta ele não deixa...nem adianta insistir...Às vezes a gente volta pra casa e não ganha nada...(Francisco Gomes – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

O boto é pior, porque fura malhadeira, persegue você esvazia o barco ele vai no buraco. O Tucuxi não ataca passa por debaixo, mas o outro (o vermelho) é ladrão, alguns são grandes medem dois metros. Eles têm uma comunicação entre eles avisam o que está se passando. (João Alves – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Conheço o lago desde minha infância, história do boto tem muita. Houve morte de uma mulher aqui perto... Ele (o boto) avisou pros filhos dela , pra ela não tomar banho dessa água porque o lugar era dele. Onde ela costumava lavar roupa tinha um pau que atrapalhava ele de pegá-la. Mas ele avisou de novo que ela não escaparia... Aí ela foi lavar o pano de menstruação... Os botos não gostam de sangue da mulher, eles têm raiva. Ele pegou... Ela e foi brincar batendo nela até ela morrer. Os botos Tucuxis foram que trouxeram ela pra beira... Mas hoje a gente conta ninguém acredita... Eu acredito. (Jhonny – pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Pra gente não ser perseguido por boto é só fazer uma cruz na canoa e enfia a faca no meio, ele vai logo embora... Nunca fui perseguido por boto...O boto aqui toma mesmo teu peixe (só o cor-de-rosa e o preto ou roxo) O Tucuxi é uma benção passa ao lado da rede e não mexe. (Sr. Júlio – Pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Quando o rio tá enchendo o boto aparece porque a água é fresca, na seca a água é quente ele se afasta... (João Alves – pescador da Com. Onze de Maio – C.A.Aleixo).

Entre os perigos apontados pelos pescadores está também a presença do jacaré e da lendária e real “cobra grande” . No período da vazante a cobra move-se para o fundo do lago, ainda na primeira semana de outubro deste ano, pescadores

afirmam ter visto uma cobra de mais ou menos cinco metros de comprimento e da largura de um “camburão” que chegou às margens do lago depois seguiu em direção ao fundo do mesmo. Diante deste quadro, os perigos são enfrentados a partir da percepção, do conhecimento adquirido pela experiência ou pela troca desta entre os pescadores. Quem lida com as águas observa, percebe, sente e age, pois somente dessa forma é possível sobreviver às ameaças presentes nos lagos, rios e igarapés.

Eu já vi uma Sucuriju grande de seis metros, mas cobra grande mesmo eu não vi, só mesmo o rastro lá do outro lado, ela derrubou uma Mumgubeira, só vimos no outro dia... (Sr. Júlio – Pescador da Comunidade Onze de Maio – Colônia A. Aleixo).

Pra me defender das feras (do jacaré, por exemplo) eu ando com o arpão ou terçado, devido o perigo a gente dorme pouco... (Sr. Raimundo – Pescador da Com. Onze de Maio – Colônia A. Aleixo).

Eu só tive problemas com o jacaré, uma vez ele rasgou a malhadeira, eu fui puxar ele veio pra cima... Matei porque ele perseguiu demais (Sr. Júlio – Pescador da Com. Onze de Maio).

Quando passo dois dias fora durmo na canoa, o jacaré é o que mais perturba, eu utilizo uma lança que eu adaptei coloco um cabo e uma corda na ponta, eu inventei pra me defender (João Alves – Negão – Pescador da Com. Onze de Maio – Colônia A. Aleixo).

No período do defeso¹⁶ o Governo Federal por meio da Colônia de pescadores disponibiliza um benefício (o seguro-defeso) de um salário mínimo de novembro a março, com intuito de dar suporte ao pescador, pois a pesca de algumas espécies (como Aruanã, Pacu, Sardinha, Pirapitinga, Mapará e Tambaqui) fica proibida nesse período. No caso da Com. Onze de Maio 80% dos entrevistados são associados à Colônia de Pescadores que intermedia e oferece benefícios ao grupo.

Apesar das semelhanças e também das diferenças em relação às Comunidades ribeirinhas do interior, a Comunidade Onze de Maio chama atenção pela presença de pescadores que ali nasceram, aprenderam a pescar, e vivenciaram o lugar da mesma forma que as Comunidades do interior, suas experiências nos remetem às experiências dos pescadores ribeirinhos, assim como

¹⁶De acordo com a Lei 11.959, Cap. II Art.2º o defeso é a paralisação temporária da pesca para a preservação da espécie, tendo como motivação a reprodução e/ou recrutamento, bem como paralizações causadas por fenômenos naturais ou acidentes.

o conhecimento a respeito dos perigos (a topofobia), dos mitos, das lendas e da relação afetiva como o lugar (topofolia).

Neste contexto, o pescador que buscou viver na cidade um modo de vida rural, também se depara com o urbano, suas características, seus costumes, sua cultura. Por isso, acrescentamos a influência do urbano na cultura dos pescadores que vivencia a Comunidade ribeirinha citadina.

Quadro - 2

Nome	Origem	Atividades Econômicas	Tempo de moradia na Com.11 de Maio	Religião
Sr. Raimundo (Bem-te-vi)	Bairro Colônia Oliveira Machado – Manaus	Pescador	30 anos	Católica
Sra. Lucimar	Acre - Am	Pescadora	56 anos	Católica
José João Rodê	Alter do Chão – Pará	Pescador	20 anos	Católica
Jhonny Ringo	Manaus (Colônia Antonio Aleixo) – Am	Pescador	32 anos	Evangélica
João Alves da Silva	Coroatá – Maranhão	Pescador	18 anos	Católica
Sr. Júlio	Curari – Careiro da Várzea – Am	Pescador e aposentado	6 anos	Católica
Francisco Gomes	Manaus (Colônia Antônio Aleixo)- Am.	Pescador	56 anos	Católica
Raimundo Pessoa	Ceará – Careiro da Várzea – Am.	Pescador e aposentado	46 anos	Católica
Iranildo (Grilo)	Coari – Am.	Pescador e aposentado	36 anos	Católica

CAPÍTULO III

ENTRE O URBANO E O RURAL: A (RE) SIGNIFICAÇÃO DO LUGAR DE VIDA DOS PESCADORES DE MANAUS

*Toda vez que olho o rio
deslizando lentamente
em busca do mar
Ouço o eco da saudade
dos meus pais
dos meus avós
ressoando em mim...*

*Minha parte nordestina
Querendo voltar*

*Mas ao entrar na canoa
uma voz bem lá no fundo
soa, dizendo não vá
É o som de todas as tribos
tamborilando meu peito...
Minha parte Índia
querendo ficar
Daí olhando pro rio
Com sede de identidade
entendo que na vontade
de partir e de ficar
o meu ser caboco é
o encontro de duas águas:
metade rio, metade mar*

Celdo Braga

O poema de Celdo Braga aponta o sentimento do homem pelo seu lugar de vida, o desejo de retornar às raízes, sempre presente em todos os lugares por onde passa. Desse desejo surge a alternativa de (re) significar o lugar, ou seja, transportar este sentimento para um novo lugar de vida, onde ele possa identificar-se, ou ao menos se reportar a características do seu lugar de origem.

Dessa forma, o ribeirinho na cidade busca estar próximo dos rios, lagos ou igarapés, realizar se possível algumas atividades que ele já realizava na sua Comunidade de origem, e assim dar um novo sentido à vida.

A ideia do rural no urbano gerou diversos questionamentos que de imediato não foi o foco da pesquisa, mas nos conduziu naturalmente a uma reflexão: “o que é rural? e o que é urbano? Só esta pergunta nos valeria como um capítulo inteiro.

Porém, somente para não ignorar a importância da distinção entre os termos buscamos sintetizar algumas possíveis respostas.

O trabalho de Salvador M. Trevisan¹⁷ intitulado O que é Rural? O que é Urbano? E a Educação¹⁸ corrobora para a compreensão do conceito de rural que nos anos 70 identificava-se com produção agrícola, já o urbano (a cidade) tornou-se independente e considerado muito mais desenvolvido que a área rural, após a revolução industrial. “O urbano passou, então a ser visto como o espaço de produção industrial e oferta de serviços, enquanto que o rural o espaço de produção agrícola” (2006, p.02).

Nos países industrializados o conceito de rural está vinculado a densidade demográfica¹⁹, de acordo com Trevisan, parece que os conceitos de rural e de urbanos vão se diluindo cada vez mais. Pensar e agir de forma integrada, superando a dualidade rural-urbano também não se apresenta como uma estratégia adequada. Esta não ultrapassaria limites do município, que também não satisfaz.

Assim como Trevisan outros pesquisadores buscaram entender o sentido de urbano e rural. Segundo Pierre George (1982) o “rural” tem um sentido muito mais amplo, designa um conjunto de formas de atividades ligadas à vida do campo. Esse termo foi concebido por oposição ao urbano, baseando-se em dados quantitativos.

Já para Oliveira (1995. p.3) o critério para essa diferenciação ainda é o demográfico, porém no caso das cidades amazônicas outros critérios devem ser levados em conta como: baixa articulação com as cidades do entorno; atividades públicas quase nulas com o predomínio de trabalho ligado aos serviços públicos; baixa capacidade de oferecimento de serviços; predominância de atividades caracterizadas como rurais.

Ainda segundo Oliveira (1995) ao tratar do urbano destaca a peculiaridade das cidades amazônicas: “não se trata da importância do ponto de vista econômico e político, mas porque são lugares que pulsam modos de vida que diferem muito do padrão caracterizado como urbano”. Essa particularidade ganha aqui um grande

¹⁷ Sociólogo, Professor e Pesquisador do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. www.salvador@uesc.br

¹⁸ Texto base da palestra do professor realizada no encontro regional do Fórum Estadual de Educação do Campo (FEEC) e da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB), preparatório para a Conferência Estadual do FEEC e RESAB na Bahia. Ilhéus, 27.09.2003. Texto revisado em fevereiro de 2006.

¹⁹ Rural - 50% da população vive em áreas com menos de 150 hab./km² (Estudo feito pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Citação de Trevisan (2006, p.3).

destaque, pois apesar das características urbanas, as cidades amazônicas trazem um diferencial, pode estar próxima do rio, da floresta e da estrada. Oliveira afirma que:

A vida nas pequenas cidades amazônicas está ligada ao rio e a floresta. Vendo-se uma vez elas nunca serão esquecidas. Não porque deixem outras cidades memoráveis uma imagem extraordinária, nas recordações, mas porque tem a propriedade de permanecerem na memória, rua por rua, casa por casa, apesar de não possuírem particular riqueza (Oliveira, 1995, 01)..

Pensar o rural sem o urbano, ou urbano sem o rural tornou-se inviável, atualmente a vida nas cidades, em particular, nas cidades amazônicas mudou muito, principalmente no que diz respeito ao acesso as informações, as novas tecnologias, enfim a modernidade. Nas pequenas cidades, apesar das grandes mudanças que vem sofrendo ao longo dos anos, a pouca oferta de trabalho e ainda por uma questão cultural, o ribeirinho, em particular o pescador, ainda se volta para as atividades do rural como “a pesca”, a agricultura e extrativismo.

Na capital do Amazonas, o que vemos hoje apesar do crescimento da cidade é ainda uma resistência do rural nos arredores da cidade e em bairros próximos a rios, lagos e floresta. Sob a ótica da cultura, apontamos aqui a Comunidade Vila da Felicidade no bairro Mauzinho e Comunidade Onze de Maio na Colônia Antonio Aleixo.

O rural, apesar de ter sofrido, durante um certo período uma desvalorização, outros contextos apontam sua importância para a busca de novas alternativas, novos caminhos para a sociedade. Silva (1994) afirma que novos questionamentos vêm surgindo, a este respeito, segundo esta pesquisadora sistematicamente tem-se anunciado o fim do rural, pois se veem nele vários atributos, econômicos, sociais e culturais, à margem da lógica capitalista, como que guardando resquício de uma “velha ordem”.

No entanto, nas últimas décadas intensificaram-se os questionamentos sobre as transformações ocorridas no meio rural. Para Silva *o mundo rural não se reduz a homogeneização da sociedade contemporânea, ao contrario, as particularidades dos modos de vida que se desenrolam neste espaço social – o rural permitem que sejam observadas e constatadas as permanências, as reconstruções, as emergências dos processos sociais...* Na C.V.F. podemos observar uma tentativa,

ainda que solitária, de alguns homens e mulheres de fazer permanecer no urbano, uma atividade do rural, de onde estas partiram.

Foi por meio das narrativas dos pescadores que percebemos, através da fala destes, a importância e a necessidade de estar próximo aos rios e lagos, independente de estar na capital ou em cidades pequenas. É sob este olhar que constatamos a necessidade que essas pessoas têm de (re) significar o lugar onde ele possa se identificar e vivenciar de maneira mais equilibrada com os elementos da natureza e com os aspectos urbanos presentes no espaço.

Se para o ribeirinho existe de fato um sentimento em relação ao seu lugar de vida, então questionamos o porquê de sua vinda para a cidade, afinal que razões teriam os habitantes das várzeas para sair em busca de outros lugares? E, ao vir para a cidade carregam consigo o sentimento pelo lugar, os hábitos, costumes, enfim sua cultura.

Observamos que por diferentes razões os pescadores saíram de seu lugar de origem para a cidade de Manaus. Witkhoski (2007, p.139) ao tratar da mobilidade espacial do “camponês amazônico”²⁰ enfatiza o papel dos ciclos econômicos pelos quais passou a Amazônia e que marcou profundamente o mundo rural e o mundo urbano do Estado do Amazonas. Entre estes considera o mais recente a Zona Franca de Manaus (ZFM), que observamos foi fundamental na mobilidade dos ribeirinhos do interior para a cidade, assim como também atrai, uma significativa população de outras regiões do Brasil. Pois, apesar dos projetos de desenvolvimento da cidade faltou uma política de teor agrário e/ou agrícola para o Estado.

A Comunidade Vila da Felicidade, por exemplo, teve sua origem ligada à implantação da Zona Franca de Manaus (ZFM), compreendida pelos polos econômicos agropecuário, comercial e industrial. Com a Zona Franca de Manaus, a capital voltou a experimentar um súbito crescimento demográfico na década de 60, e entre os anos de 1976 a 1990, ocorre a consolidação do polo industrial gerando muitos empregos. É também nessa época que ocorre a intensa migração de moradores do interior e de outros estados brasileiros para Manaus. Este fator será responsável pelo surgimento de centenas de ocupações ilegais, inclusive na área do Distrito Industrial.

²⁰ Camponês Amazônico foi o conceito adotado por Witkhoski para referir-se àquele que chamamos de “ribeirinhos”.

Em 1991, muitas fábricas diminuem o ritmo de suas atividades gerando o desemprego em massa. Essa nova situação também vai se refletir na urbanização da cidade surgindo novos bairros e comunidades, como a Comunidade Vila da Felicidade.²¹

Segundo um morador antigo, Sr. Emanuel Corrêa, toda essa área pertencia a SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus):

Quando os “homens” da Suframa chegaram aqui, eles conversaram e deixaram eu ficar, mas eu morava num flutuante (casa flutuante), durante três anos ainda insistiram para que eu saísse...Um dia os “invasores” chegaram e nós mudamos lá pra cima. (Emanuel Corrêa – Sr Nego – pescador da Comunidade Vila da Felicidade).

O Pescador Emanuel, que acompanhou o crescimento populacional da Comunidade concorda que a proximidade desta com o Distrito Industrial foi um dos atrativos para a imigração dos ribeirinhos.

Porém outras pesquisas, como de Melo e Pinto (2003, p.16) indicam que o deslocamento para Manaus é um processo que não pode ser analisado somente do ponto de vista da atração que a Zona Franca exerce sobre essa população, mas, sobretudo, do ponto de vista da expulsão do lugar de origem, ocasionada por questões estruturais de uma sociedade gerida pela lógica do capital. Neste contexto, podemos incluir a ausência de políticas públicas no meio rural, assim como de acesso ao usufruto de bens e serviços, também ausência de infraestrutura mínima à população residente.

Pensar a migração nesses moldes, segundo Melo (2003, p.17), significa buscar estratégias de sobrevivência, por constituir-se na busca de melhor condição de vida, da necessidade de sobreviver. Como foi o caso da Comunidade Onze de Maio, pois como veremos na sua história de formação a ocupação inicial parte da comunidade de hansenianos, e posteriormente de suas famílias, ou seja, foi a doença a principal razão da migração para o bairro Colônia Antônio Aleixo.

Outros motivos foram apontados pelos pescadores, como as dificuldades pelas quais passam no período da vazante. Em alguns anos a seca é tão grande que deixa várias Comunidades ribeirinhas isoladas. Em outros casos, para quem

²¹ Adaptado do Jornal do Comércio – Portal Amazônia – 16/01/2007 – KR.

vivia da pesca nas Comunidades ribeirinhas do interior do Estado o “marreteiro”²² também foi indicado como um dos responsáveis da migração, pois se configura, ao mesmo tempo, como aquele que viabilizará a venda do pescado, mas é também aquele vai depreciar o preço do peixe.

Em suas narrativas, alguns pescadores afirmam que nem mesmo as razões pelas quais vieram para a cidade justificam sua saída de seu lugar de origem, às vezes o fator que o atraiu para a cidade foi a presença de algum parente ou amigo:

Lá no Curari (Careiro da Várzea) eu vivia da pesca, vim pra cidade, mas preferia ficar lá, nem sei porque vim...Minha irmã veio pra cá, trocamos um terreno lá de cima por este porque fica mais perto do rio, aí resolvi ficar. (Sr. Júlio – pescador da Comunidade Onze de Maio).

A cidade possui inúmeros atrativos para quem vem do interior do Estado, de fato, assim como Lefebvre (1991), entendemos que todos possuem “o direito à cidade”. É neste sentido, que Lefebvre pensa uma cidade com um projeto urbano que garanta o usufruto pela população. Apesar dessa proposta, o ribeirinho que sai em direção à cidade carrega consigo o sentimento pelo seu lugar de vida:

*Quando vim de minha terra, se é que vim da minha terra,
(não estou morto por lá), a correnteza do rio me sussurrou
(...) Quando vim de minha terra não vim, perdi-me no espaço
na ilusão de ter saído. Ai de mim, nunca saí.*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, *A Ilusão do migrante*.

Para os pescadores das Comunidades estudadas a vinda do interior para a cidade viabilizou o acesso à educação, saúde e melhoria nas condições de venda do pescado, diminuindo as dificuldades enfrentadas no interior. Ao chegar à cidade, no entanto, outras dificuldades passam a fazer parte do cotidiano dos pescadores. Para Lefebvre (1991) “a cidade é o lugar da diferença, do contato, do conflito, o que pressupõe menor divisão/separação espacial, menor dispersão, maior convívio entre os diferentes”. A respeito dessa afirmativa, apontamos a seguir o urbano das Comunidades estudadas, e o envolvimento dos pescadores nessa nova realidade.

²²De acordo com a obra: A pesca na região Amazônica: debates para uma possível solução, do PROVÁRZEA o marreteiro é o comprador de pescado dos ribeirinhos que transporta o produto e revende nos portos e mercados locais. Segundo os pescadores, o marreteiro é responsável pela compra do pescado e de transportá-lo até a cidade para a efetivação da venda, porém o preço oferecido ao ribeirinho desvaloriza o trabalho do pescador. Na cidade, quando o pescador não é o vendedor direto do pescado ele busca negociar com o Despachante que compra do pescador e ele mesmo vende para os consumidores e comerciantes.

3.1 A influência do urbano nos modos de vida dos pescadores da Comunidade Vila da Felicidade.

No âmbito da Comunidade Vila da Felicidade percebemos que os aspectos urbanos são de grande influência na vida dos pescadores. Fatos ligados ao lago, rios e floresta colaboraram para o envolvimento dos pescadores nos projetos executados na comunidade. No ano de 1999, um dos lagos temporários da Comunidade (Lago Cururu) sofreu danos ambientais derivados de um derramamento de óleo. Diante deste fato, e já organizada em forma de Associação, os moradores da Vila da Felicidade manifestaram sua insatisfação e reivindicaram medidas mitigadoras em favor da Comunidade. A REMAN (Refinaria Isaac Sabá de propriedade da PETROBRAS), por sua vez, decidiu como uma das medidas mitigadoras promover no âmbito da responsabilidade social e promoção de desenvolvimento sustentável o financiamento de Projetos “Auto sustentabilidade da Vila da Felicidade: “Ecoturismo Solidário” e “Complexo Socioeconômico Esportivo e Cultural da Vila da Felicidade”. Este Projeto foi concluído em 2008, como resultado deste trabalho foi construída uma Sede (Fig. 25 e 26) onde, de acordo com o atual Presidente da Comunidade, Sr. Júlio Cesar, o Complexo Turístico da Comunidade é o lugar onde se realiza prática esportiva e outros entretenimentos oferecidos aos habitantes e aos visitantes; fazem parte do Complexo também a Canoas Turísticas da Comunidade, cuja proposta é de oferecer uma agradável opção de transporte fluvial oferecido aos passageiros locais e aos turistas. Esse transporte os conduz (ida e vinda), da Vila ao Encontro das Águas, assim como, do Porto da CEASA, ao município de Iranduba e vice-versa (Fig. 27). O conhecimento dos pescadores a respeito dos rios e da localização das Comunidades próximas foram de grande contribuição na execução do projeto.

A Comunidade, no entanto, enfrentou problemas na gestão destes benefícios, principalmente ocasionados pelas divergências dentro da própria comunidade e ocorridas e pela desestabilização da representatividade desta enquanto grupo social. Neste ano (2010), um novo contexto, uma nova eleição, vem gradativamente contribuindo para a retomada de antigos projetos.



Fig.25 – PINTO, Iléia Maria de Jesus. Vista da área interna da Comunidade – uma visão do Complexo turístico e do Lago do Cobra no interior da C.V.F. Manaus-Am.(2007).



Fig.26 – KAROLINNE, Sylvia - Colaboradora do trabalho de Campo Área do Complexo turístico da Com. Vila da Felicidade, recém construído, local de lazer das crianças da Comunidade. Manaus-Am.(2007).

Os pescadores, como foi comentado no segundo capítulo deste trabalho, não tiveram acesso à educação. Seus filhos, ao contrário frequentam a Escola no âmbito da própria comunidade (Fig.27). Têm também acesso a um centro de saúde Municipal que atende os moradores do lugar e bairros vizinhos (Fig.28). Entre outras facilidades os pescadores da C.V.F estão próximos do porto e da feira da CEASA (Fig.29), que sofreu uma considerável reforma e atualmente dá suporte à Associação de Moradores. É também nesta feira que parte do pescado capturado pelos pescadores das proximidades é comercializado.



Fig.27 – KAROLINNE, Sylvia. Escola da Com. Vila da Felicidade, onde estudam alunos do Ensino Fundamental moradores das proximidades. Manaus-Am.(2007).



Fig. 28 – KAROLINNE, Sylvia. Centro de Saúde da Com. Vila da Felicidade que oferece diversas especialidades de atendimento médico aos moradores locais. Manaus-Am.(2007).

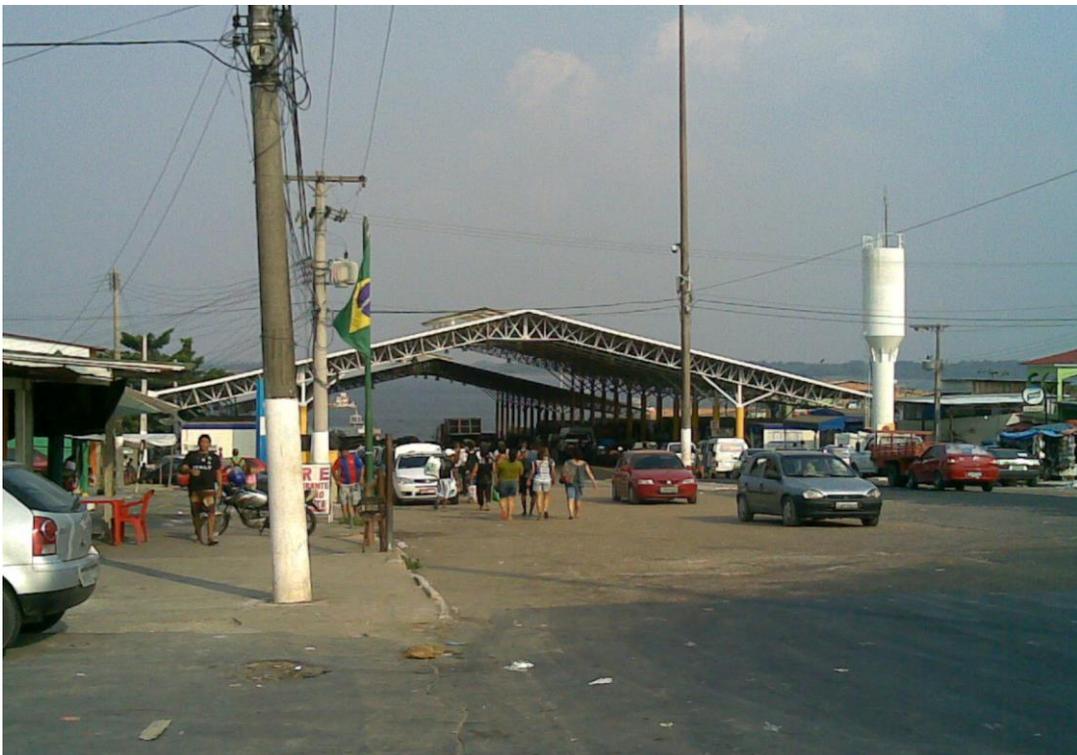


Fig.29 – JESUS, Jeanne de. Feira e Porto da Ceasa na C.V.F, local de grande movimentação de pessoas que chegam de barco de diversas comunidades ribeirinhas do interior, principalmente do Careiro da Várzea e também pessoas que realizam compras na feira. Manaus-Am (2010).

Essa estrutura urbana proporciona uma realidade diferente aos filhos de pescadores, pois o acesso à educação, saúde e saneamento básico conduz ao desenvolvimento distinto daquele recebido por seus pais. Não significa que a transmissão do conhecimento da pesca no interior da família de pescadores tornou-se insignificante, mesmo frequentando a cidade, muitos filhos de pescadores vivenciam a pesca em suas comunidades, andam de canoas pelos lagos, enfim mantêm uma relação com as águas presentes no lugar.

A economia dos habitantes da C.V.F., em grande parte, está ligada às atividades oriundas da cidade de Manaus, entre elas estão: as empresas do Distrito Industrial, as empresas prestadoras de serviços da Petrobrás, que se situam nas proximidades, e também as empresas de transporte e alimentação presentes na própria comunidade. Diante deste quadro, a maioria dos pescadores estão diretamente envolvidos nestas atividades, de forma que somente um pescador tem na pesca sua única fonte de rendab.

Na paisagem, que observamos na C.V.F., estão impressas marcas da cultura no que diz respeito às moradias. Paula e Cavalcanti em *os sujeitos na cidade – a cultura urbana e os diferentes grupos que a caracterizam* aponta na cidade a globalização dos comportamentos, que fazem com que todo ritmo da cidade seja ditado por eles. Essa cultura globalizada, segundo a própria autora, clama por um prisma do lugar. E, neste sentido, acrescenta:

Para pensar neste prisma do lugar, e do sujeito que pratica ali seu cotidiano, sob a lógica cultural que o identifica, uma primeira instância é sua casa, sua moradia. A casa é, para o sujeito que nela vive, seu primeiro lugar de referência para exercer sua vida. Ela é, também, objeto de cultura. Quando o homem a constrói, ou a ocupa, ele ali se revela, nela se constrói, nela materializa sua cultura, seus valores, seu comportamento... (Paula e Cavalcanti, 2007, p.20)

Partindo desta ótica, observamos que a construção das moradias na C.V.F, possuem características diferenciadas, enquanto em uma parte da comunidade as casas são de madeira construídas a uma certa altura do chão (Fig.30), levando em conta a dinâmica das águas, em outra parte as casas são de alvenaria (Fig.31). Porém, nem todos os pescadores habitam as casas localizadas às margens do lago, alguns já possuem casa de alvenaria. Ou seja, prevaleceram, neste caso, as características do urbano na atual realidade do pescador.



Fig. 30 – JESUS, Iléia Maria. Tipos de moradia área interna da Com. Vila da Felicidade – Casa de madeira construída a certa altura do chão para evitar que seja atingida durante as cheias nem sempre corresponde à casa de pescadores. Manaus-Am. (2007).



Fig. 31 – PINTO, Iléia Maria de Jesus. Tipos de moradia (área não inundável) da Com. – Casas de alvenaria de moradores locais e de pescadores. Manaus-Am. (2007).

Também a presença de empresas, restaurantes, uma Rádio Comunitária, pequenos comércios entre outros elementos direcionam os diferentes modos de vida e o desenrolar da cultura urbana nas diversas atividades econômicas realizadas por seus habitantes (Fig. 32).

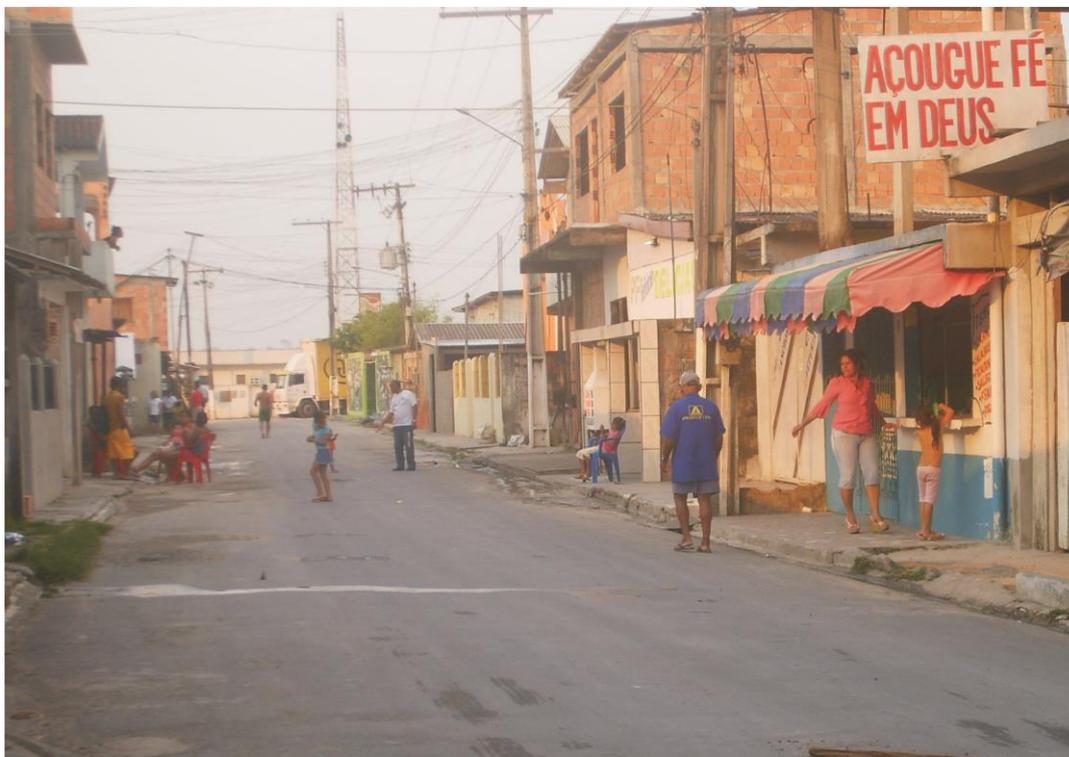


Fig.32 – PINTO, Iléia Maria de Jesus. Área urbana da C. V.F. com ruas asfaltadas e movimento de pessoas – área também de encontro dos pescadores no final da pesca em outras Comunidades. Manaus-Am. (2007).

As diferentes visões dos habitantes da Vila da Felicidade é que determinam suas práticas, ou seja, a paisagem com a qual mais se identificam são aquelas que moldam o seu mundo. A cultura urbana merece uma atenção especial, pois não se pode desvincular a cultura do urbano, dessa forma, percebemos a influência da cultura urbana nos modos de vida dos pescadores. A Comunidade Vila da Felicidade, como foi visto ao longo do trabalho surge como um reflexo do desemprego em massa gerado pela diminuição das atividades nas fábricas do Distrito Industrial em Manaus. A comunidade foi ocupada de forma desordenada, do ponto de vista do planejamento urbano, porém seguiu a lógica e a limitação imposta para ocupação do lugar, e as atividades realizadas por seus habitantes foram se adequando de acordo com suas possibilidades e desejos. Ana Fani Carlos explica esta tendência na cidade quando afirma que:

Cada atividade tenderá a “otimizar” sua localização no urbano...A cidade oferece à sociedade um conjunto “ilimitado de escolhas” e de condições de vida. Como cada um satisfará sua necessidade, isto é, consumirá, o espaço, estará vinculado ao lugar que ocupa no processo de produção geral da sociedade (Carlos, 1994, p.53)

Se de um lado nos deparamos com os elementos naturais, de outro está o urbano com todos seus elementos básicos: o transporte urbano e carros (Fig.31), ruas asfaltadas, pessoas caminhando apressadamente, enfim, todo um contexto urbano. Estes elementos, também fazem parte do modo de vida dos pescadores da C.V.F.



Fig. 32 – PINTO, Iléia Maria de. Área externa da C.V.F. com uma estrutura que remete ao urbano. Manaus-Am. (2007).

3.2 - A influência do urbano nos modos de vida dos pescadores da Comunidade Onze de Maio

A Comunidade Onze de Maio, têm na história do bairro Colônia Antonio Aleixo a sua história de formação, que também se destaca por suas características

peculiares que parte, principalmente de uma estreita relação entre o modo de vida urbano e rural.

De acordo com a Comunidade, o bairro²³ teve suas primeiras ocupações no início de 1920 pelos militares do exército, por causa de sua estratégica localização geográfica. E na década de 1930, durante o governo presidente Getúlio Vargas, foi ordenado ao então ministro Tancredo Neves, a construção no local, de dezesseis pavilhões, feitos de madeiras nobres como Acaru e Maçaranduba cuja finalidade era abrigar nordestinos trazidos para reativar os seringais da Amazônia, os chamados “soldados da borracha”. Os “arigós”, como eram conhecidos, ficavam alojados no local enquanto aguardavam para serem transferidos até os seringais, no interior do Estado.

Após a partida dos nordestinos, o local ficou abandonado, e em 1952, os dezoito pavilhões do bairro ganharam infraestrutura e oito prédios foram construídos sendo então ocupado novamente, desta vez por portadores de hanseníase, uma vez que, a região era isolada e o trajeto até a cidade, era feito somente através do Rio Negro, tratava-se de uma medida tomada pelo então governo Getúlio Vargas por meio da Campanha Nacional para isolamento e padronização das comunidades de hansenianos.

Conhecido popularmente como leprosário, o bairro abrigou durante três décadas estritamente os portadores de hanseníase. Posteriormente, começou a servir de moradia também aos parentes dos doentes, que aos poucos foram ocupando novas áreas na localidade, conseqüentemente ampliando à área do bairro, a partir do surgimento de outros bairros no seu entorno.

A população aumentou com a abertura da estrada de vinte e três quilômetros que ligam o bairro Colônia Antônio Aleixo a Manaus, por volta de 1967, e, devido a sua grande extensão territorial foi dividido em sete comunidades de acordo com o seu processo de ocupação, sendo elas: Fé I, Fé II, Onze de Maio, Nova Esperança, bairro Colônia Antonio Aleixo, Planalto e Buritizal.

As Comunidades Fé I, Fé II e Onze de Maio são aquelas que estão mais em contato com os elementos da natureza como rio e floresta. Devido a sua proximidade também com o Lago do Aleixo que selecionamos a Comunidade Onze

²³ Adaptado do relatório produzido pela Associação de moradores do Bairro Antônio Aleixo com apoio da Paróquia N. Sra das Graças- Santas Missões, 2008. Para viabilizar o relatório foram realizadas visitas e entrevista *in loco*, e, foi então abordada uma série de Impactos Ambientais Negativos.

de Maio, onde deparamo-nos com duas diferentes realidades: a do homem urbano e a do ribeirinho.

A história do bairro elucidada o distanciamento das áreas mais povoadas da cidade e até mesmo um certo isolamento, de tal forma que até portões eram usados para garantir a dispersão da hanseníase na cidade. Atualmente, restam somente resquícios desta realidade, a população antes isolada (inclusive aqueles que contraíram a doença e hoje estão curados), hoje ocupam tanto as áreas próximas às águas como aquelas com característica mais urbana. A migração, nesse caso, partiu da necessidade de sobrevivência, por uma questão de saúde. Neste contexto, concordamos com Melo quando afirma que “no sentido ideológico o migrante gera no imaginário sonhos e crenças de melhores condições de vida, reproduzindo e produzindo representações sobre a “nova” realidade” (2003, p.17).

O bairro hoje apresenta uma nova configuração possui nove escolas públicas, um cemitério, serviço de coleta de lixo, hospital para tratamento da hanseníase, um hospital para doentes terminais (que ao mesmo tempo funciona como maternidade), centros de saúde, centro policlínico, delegacia, agência de correio e duas quadras poliesportivas. É servido ainda por uma rede de transporte urbano que, como o serviço de ambulância SAMU. e os serviços acima elencados, não conseguem responder às necessidades da grande demanda da população e funcionam de maneira onde estes ficam a desejar.

Para os pescadores, além do sentimento de pertencimento e a relação direta com elementos da natureza, de forma mais específica em relação à água também está presente a relação com os elementos do urbano, que fazem parte do cotidiano dos pescadores (Fig. 33), o pequeno comércio, o transporte coletivo, etc.

Na Comunidade Onze de Maio, em particular, observamos que a distância em relação ao centro da cidade ainda se configura como uma das dificuldades enfrentadas pelos pescadores e moradores locais, pois a carência no atendimento do transporte coletivo tem como consequência o difícil acesso a outros pontos da cidade.

Este fato nos leva a refletir a respeito do que é a cidade para esta parcela da população, segundo Paula e Cavalcante:

A cidade é como um todo que se reestrutura para atender a uma demanda mais plural, complexa, diversificada, que vem do conjunto de sujeitos que a

habitam... Para os pobres a vida cotidiana fica mais complicada, porque são mais difíceis de serem executadas as tarefas de arrumar emprego, de ter um salário no fim do mês, ainda que pequeno... Para o pobre, o que está disponibilizado é uma “cidade de segunda linha”, todos também elementos da cultura urbana, das práticas cotidianas da/na cidade (Paula e Cavalcante, 2007, p.19).



Fig. 33 – PINTO, Iléia Maria de. Pequeno comércio na Com. Onze de Maio. Manaus-Am. (2010).

Essa reflexão conduz à proposta de Lefebvre (1991) quando evoca pela igualdade no direito à cidade com respeito a melhores condições de vida, afinal a cidade deve estar preparada para atender às demandas de uma sociedade que se forma a partir do sujeito que vive o lugar. Neste contexto, Paula e Cavalcante (2007, p.17) acrescenta que a cidade também deve atender aos sujeitos que nela vivem: diferentes sujeitos, diferentes grupos humanos, que realizam práticas e comportamentos urbanos diversos. Ela é, pois um espaço multicultural.

Essas diferenças também estão explícitas na paisagem da Comunidade é possível observar que ruas asfaltadas diferenciam-se com as ladeiras que dão acesso aos lugares onde moram alguns pescadores entrevistados, desse ponto vê-se uma diversidade de árvores e o Lago do Aleixo (Fig.34).



Fig.34 – PINTO, Iléia Maria de. Descida em direção ao lago do Aleixo em alguns passos a paisagem e os sons modificam-se totalmente é como sair da cidade e chegar na área rural. Manaus-Am (2010).

Na área da Comunidade onde a estrutura urbana é mais destacada as casas são, em sua maioria de alvenaria, muradas e com grades, bem característico das cidades (Fig.35).



Fig. 35 – PINTO, Iléia Maria de. Ruas e casas que caracterizam a área urbana da Com. Onze de Maio. Manaus-Am. 2010.

Como foi visto no capítulo II, a pesca tem seu período de realização. Segundo a entrevista concedida ao Informativo da Associação dos Moradores e Amigos do Complexo Antônio Aleixo pelo pescador Ismar Monteiro, mostra de forma clara que os pescadores também são impulsionados a vivenciar esta outra realidade: “Nós pescamos em períodos que vão de dezembro a fevereiro e de maio a outubro. Nos meses que não temos o que fazer, ficamos na cidade...” É nesse período que o pescador passa a vivenciar mais o urbano. O urbano traz as marcas de uma cultura diferenciada daquela que já nos referimos anteriormente como “ribeirinhos”. É na cidade que estes compram seus instrumentos de pesca. Os costumes dos habitantes da parte urbana da Comunidade estão voltados para uma realidade mais agitada, ou seja, a correria de quem vive na cidade e utiliza o transporte terrestre seja o ônibus, o carro particular ou moto-táxi para ir ao trabalho logo pela manhã e retornar somente no final do dia. A correria e o barulho habitual das grandes cidades se diferem grandemente da tranquilidade e o silêncio para quem habita as margens do Lago e de certa forma busca esse isolamento. Mesmo vivenciando o urbano e o rural, o pescador não se isenta de vivenciar essa realidade da cidade.

Os grandes projetos voltados para a cidade também, de alguma forma, afeta a vida dos pescadores, como é o caso do Projeto do Porto das Lajes um dos Empreendimentos mais recente no bairro, cuja proposta é de que navios atracarão em um cais flutuante em dois berços (interno e externo). Segundo o próprio Terminal Portuário, o projeto posicionou o cais flutuante no ponto mais a montante dentro da propriedade, de forma a eliminar qualquer influência sobre o Lago do Aleixo. Apesar dos esforços de cumprir todas as recomendações sociais, econômicas e ambientais exigidas pelo poder público para obtenção das licenças de implantação e funcionamento dentro dos mais rigorosos padrões de sustentabilidade as opiniões a respeito da construção do porte se dividem entre pescadores e moradores locais, enquanto alguns acreditam que não serão afetados e não haverá danos causados ao meio ambiente, outros temem aumentar os problemas já enfrentados com a presença de fábricas nas proximidades do Lago que jogam seus dejetos prejudicando inclusive o pescador.

Para os movimentos sociais, que vêm se mobilizando contra este empreendimento, o Porto causará impactos irreversíveis ao ambiente e a

depredação de um dos grandes patrimônios naturais e culturais do Amazonas e do Brasil: o Encontro das Águas. O porto, segundo alguns moradores, afetará o Lago do Aleixo, na Comunidade Onze de Maio, Aleixo, prejudicando a vida de quem vive neste lugar.

Apesar das dificuldades, os pescadores da Comunidade Onze de Maio, (re) significaram este lugar, passando a ser seu novo lugar de vida. Compreendendo a cidade como um lugar que abriga, produz e reproduz cultura o ribeirinho citadino vivencia ao mesmo tempo o urbano e o rural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é resultado de incansável pesquisa de campo, e da busca de informações em outros trabalhos de pesquisa realizados nas Comunidades ribeirinhas no âmbito da cidade de Manaus.

Entre o urbano e o rural da cidade de Manaus observamos que as Comunidades ribeirinhas citadinas são resultantes da migração dos ribeirinhos para a cidade. Em particular, buscamos compreender estes lugares a partir das experiências dos pescadores que vivem atualmente na cidade, mais precisamente na Comunidade Vila da Felicidade no bairro Mauzinho e na Comunidade Onze de Maio no bairro Colônia Antônio Aleixo.

Pela presença marcante das águas, esperávamos identificar um número maior de pescadores sobrevivendo da atividade pesqueira nos lagos e igarapés da cidade. Mas a poluição, a carência de peixes e a disputa desigual pelo pescado contribuíram para que, muitos deles abandonassem a pesca como atividade econômica. Apesar de constatarmos que na Colônia Antônio Aleixo, um considerável número de pescadores têm hoje, na pesca, sua principal fonte de renda.

A atividade da pesca na região Amazônica faz parte do dia-a-dia de milhares de pessoas. Alguns pescam para a alimentação familiar, outros profissionalmente. Há também aqueles que pescam dando continuidade a uma cultura que é própria do lugar de vida. Portanto, não é estranha ao modo de vida do ribeirinho seja do interior do Estado ou mesmo da cidade.

Foi por meio das narrativas dos pescadores que percebemos, através da fala destes, a importância e a necessidade de estar próximo aos rios e lagos, independente de estar na capital ou em cidades pequenas. É sob este olhar que constatamos a necessidade que essas pessoas têm de (re) significar o lugar onde ele possa se identificar e vivenciar de maneira harmoniosa com os elementos da natureza e com os aspectos urbanos presentes no espaço. Buscamos, no entanto, não ignorar a relação do ribeirinho com a cidade, a cultura urbana, por sua vez, também injetou novas características nos modos de vida dos ribeirinhos que para cá vieram.

As literaturas que tratam da ocupação urbana da cidade de Manaus indicam, principalmente, a ocupação próxima aos rios e lagos (as chamadas “baixadas”) como áreas de favelas, onde passaram a habitar pessoas de baixo poder aquisitivo, em geral, do espaço rural. Neste caso, percebemos que não foi levado em conta a questão cultural, pois de acordo com a realidade dos pescadores que fizeram parte dessa pesquisa “esse novo lugar” (na cidade) também remete à fortes lembranças dos seus lugares de vida.

Se por um lado, a paisagem é aqui apresentada rica de belezas naturais; por outro, a falta de infraestrutura, principalmente na área interna da Comunidade Vila da Felicidade e Onze de Maio apontam os contrastes entre a natureza e a presença do homem no lugar. Em muitos aspectos, a C.V.F., ainda necessita e aguarda obras, principalmente de saneamento básico, e na Comunidade Onze de Maio a preocupação atual concerne a conservação do Lago do Aleixo e dos lagos e igarapés da proximidade.

É importante lembrar que se deve ter a preocupação de contribuir com o desenvolvimento de um povo, procurando preservar o seu contexto sociocultural, respeitando suas crenças, tradições e costumes, enfim, o seu modo de vida, até que, aos poucos, como parte da história humana, sem mesmo desconectar-se de suas raízes, por uma nova consciência crítica; consciência cidadã que possa despertar e acompanhar a evolução tecnológica, sem anular o conhecimento tradicional, ao contrário, valorizando-o, tornando-o mais um importante instrumento na busca do conhecimento. Acreditando que a busca do “novo” é fundamental na vida do homem e do seu habitat, para que possa ampliar e tornar eficaz sua qualidade de vida e, por essa reflexão, chegar à conclusão de que é possível, por meio de políticas dinâmicas e efetivas, nas quais todas as camadas da sociedade possam participar ativamente, da sua transformação social, oferecendo-lhes um leque de novas perspectivas que lhes deem a chance de voltar a cultivar sonhos e esperanças de ver acontecer, igualmente, a justiça social, pela qual os direitos humanos sejam respeitados na sua integridade.

Nossa intenção foi demonstrar que apesar de todas as mudanças urbanas e a inserção das pequenas comunidades nestas, ainda podemos constatar uma relação entre o homem e a natureza que o leva a resistir e manter atividades

economicamente ligadas cidade e, ainda assim, se voltar para atividades que o retoma ao seu lugar de origem (para o rural).

Embora a partir de uma visão mais marxista, Lefebvre (1969) afirma que a vida urbana penetra na vida camponesa... esponjando-a de elementos tradicionais, mas concorda que existem as resistências: 'As aldeias se ruralizam perdendo a especificidade camponesa. "Alinham-se com a cidade, porém resistindo e às vezes dobrando-se ferozmente sobre si mesmas". (p.67). O que vemos na Comunidade Vila da Felicidade apesar de uma resistência solitária é o desejo em continuar em contato com as águas, e mais fortemente encontramos esse desejo na Comunidade Onze de Maio, onde os pescadores vivem da pesca e vivenciam esse lugar atribuindo-lhes significados a partir de uma relação afetiva. A pesca é assim um meio de vida e parte da vida dos pescadores citadinos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ÁGUAS (ANA). A Evolução da Gestão dos Recursos Hídricos no Brasil/ The Evolution of Water Resources Management in Brasil, Brasília; ANA, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Farewell. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BRAGA, Celdo. Água e Farinha. Manaus: Edição do autor, 2001. 54 p.

BRONDIZIO, E.S. **SIQUEIRA,** A. O habitante esquecido: Caboclo no contexto amazônico. São Paulo em Perspectiva. 1992.

BURKE, Peter, 1937 – O que é história cultural? tradução: Sérgio Góes de Paula – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BUTTNER, Anne, Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. Transcrito dos Annals of the American Geographers, 66 (2) Junho de 1976. Título original: Grasping the dynamism of lifeworld, Tradução Neide Piran e Antonio Christofolletti. *In* **CHRISTOFOLLETTI,** Antonio (Org.) *In: Perspectiva da Geografia.* DIFEL, SP. 1985.

CARLOS, Ana Fanni Alessandri. A (Re)produção do espaço urbano. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

CASTRO, Iná Elias de; **GOMES,** Paulo César da Costa; **CORRÊA,** Roberto Lobato (Org.) *Explorações Geográficas: percursos no fim do século.* – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CASCUDO, C. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Melhoramentos, 1974.

CLAVAL, Paul. A Geografia cultural: tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. – Florianópolis. Ed. Da UFSC, 1999.

CHRISTOFOLLETTI, Antônio. Perspectivas da Geografia. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

COSGROVE, Denis; **JACKSON,** Peter. Novos Rumos da Geografia Cultural. Publicado originalmente como “New Directions in Cultural Geography” Area 19 (2), 1987, PP. 95-101. Traduzido por Márcia Trigueiro. *In* **CORRÊA,** Roberto Lobato; **ROSENDHAL.** Zeny.(Org.). Introdução à geografia cultural espaço. – 3ª Ed. - Rio de Janeiro : Bertrand, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato; **ROSENDHAL.** Zeny.(Org.). Introdução à geografia cultural espaço. – 3ª Ed. - Rio de Janeiro : Bertrand, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. *In* CASTRO. Iná, GOMES, Paulo Cesar e CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs). Geografia: Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. [13-47].

CORRÊA. Roberto Lobato; **ROSENDHAL**. Zeny. (Org.). Manifestações da Cultura no espaço. – Rio de Janeiro : EdUERJ, 1999. (Série Geografia Cultural).

CUCHE, Denys. Cultura e Etnicidade *In*: A Noção de Cultura nas Ciências Sociais. Lisboa, Fim de Século, 2000, PP.123-129.

CUNHA, Euclides. Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000 (Col. Brasil 500 anos).

DUCAN, J. The Superorganic in American Cultural Geography. *Annals of the Association of American Geographers In* **ROSENDHAL**, Zeny. **CORRÊA**. Roberto Lobato. Manifestações da Cultura no espaço. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999. (Série Geografia Cultural).

ENTRIKIN, J. Nicholas. Contemporary humanism in geograpy. *Annals Assoc. American Geographers In* **CHRISTOFOLETTI**, Antonio. Perspectivas da Geografia. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Difel, 1985.

FAGGIONATO, Sandra. Adaptação de Santos *et al.* *In*: Anais do VII Seminário Regional de Ecologia 309-351 – FUSCar – 1996.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **WITKOSKI**. Antonio Carlos. **PEREIRA**. Henrique dos Santos (Org.). Comunidades ribeirinhas amazônicas: memória, ethos e identidade. – Manaus: EDUA, 2007.

FREMONT, Armad. A Região espaço vivido. Portugal, Almedina. 1976.

FURASTÉ, Pedro Augusto. Normas Técnicas para o Trabalho Científico: Explicitação das Normas da ABNT. – 15 ed. – Porto Alegre: s.n., 2009.

FURTADO, L.F.G. Pescadores do Rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém. CNPQ/MPEG. 486p.

GEORGE, Pierre. Geografia Rural. Título original: Précis de Géographie Rurale. Tradução realizada pelo Grupo de Estudos Franceses de interpretação e tradução (GEFIT), apresentação de Maria de Lourdes Rodrigues. – São Paulo – SP: Editora Difel. 1982.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Geografia e Modernidade. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

GOMES, Maria Auxiliadora Gomes. *Relatório de Levantamento de dados viabilizado pela Petrobrás*. Universidade Federal do Amazonas.- Manaus (Am), 2004.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. *In* Revista Território. Rio de Janeiro. ano IV, nº 7. P. 67-78, jul./dez.1999. São Paulo, 1987.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. Cultura Amazônia: Uma Poética do Imaginário. – Belém: Editora Cejup, 1995.

MATTA, Roberto da. Explorações: Ensaio de Sociologia e Antropologia.- Ed. Rocco. - Rio de Janeiro, 1986.

MEGGERS, Betty J. Amazônia: a ilusão de um paraíso. Tradução de Maria Yedda Linhares; apresentação de Darcy Ribeiro. – Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

MELO, Lucilene Ferreira. **PINTO**. Renan Freitas. O migrante rural e a reconstrução da identidade e do imaginário na cidade. In **OLIVEIRA**, José Aldemir de. (Org.) Cidade de Manaus: visões interdisciplinares. Manaus: EDUA, 2003.

MOREIRA, Eidorfe. AMAZÔNIA o conceito e a paisagem. Coleção Araújo Lima. Agência da SPVEA. Rio de Janeiro. Nova Edição 1960.

MONTEIRO, Carlos. A.F. O mapa e a trama – Ensaio sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. – Florianópolis; Editora da UFSC, 2002.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Percepção e Representação Gráfica: A geograficidade nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo. 2001.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista, **BATISTA**, Ricardo José Batista. Geografia do Amazonas: Ensino Médio – 3ª Série – Manaus: Novo Tempo, 2002.128 p.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Repensando o estudo das pequenas cidades amazônicas. *Revista da Universidade do Amazonas*. Série: Ciências Humanas. V.4 n° 1-2, p.155-172. 1995.

PAULA, Flávia Maria de Assis Paula. **CAVALCANTI**, Lana de Souza (Org.). A cidade e seus lugares.- Goiânia: E.V, 2007.

PETRERE JR, Miguel. Pesca e esforço de pesca no Estado do Amazonas. ACTA AMAZONICA. Ano VIII. Suplemento 2.- nº 3 – Setembro, 1978.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **VOLPATO**. Marcelo de Oliveira. Conceitos de Comunidade, local e região: inter-relações e diferenças. Publicado no II Colóquio Binacional Brasil-México de ciências da Comunicação 01 a 03 de abril de 2009.- São Paulo.

PROVARZEA, Projeto Manejo dos Recursos Naturais da Várzea/Ibama. A pesca na região Amazônica: debates para uma possível – Brasília: Ibama, 2005.

RANGEL, Alberto. Inferno Verde (Scenas e Scenarios da Amazônia). Prefácio de Euclides da Cunha; 4ª edição - Tours/França: E. Arrallt, 1927.

RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da Geografia. In: GEOGRAFIA, 4(7): Rio Claro-SP. Abril, 1979.

SILVA, Aldo Aloísio Dantas. **GALENO**, Alex (Orgs.). Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares – Porto Alegre: Sulina, 2004.

SANTOS, José Luiz dos. 1949 – O que é cultura / José Luiz dos Santos. São Paulo: Brasiliense, 2006.- (Coleção primeiros passos; 110);

SILVA, Tomaz Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais/ Tomaz Tadeu da Silva (org.). Stuart Hall, Kathryn Woodward. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SILVA, Dianice Oriane.**HESPANHOL**, Rosangela. Ap de Medeiros. *Ruralidade nos Territórios: O Exemplo do Estado do Paraná*. Revista Formação/ Universidade Estadual Paulista – n 01, 1994.

STERNBERG, Hilgard O'Reilly, *A Água e o homem na várzea do Careiro*, 2ª Edição. Belém Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

TREVISAN, Salvador M. O que é Rural? E o que é Urbano? E a Educação. Texto base da palestra do professor realizada no encontro regional do Fórum Estadual de Educação do Campo (FEEC) e da Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB), preparatório para a Conferência Estadual do FEEC e RESAB na Bahia. Ilhéus, 27.09.2003. Texto revisado em fevereiro de 2006.

TEIXEIRA, Pery. **BRASIL**, Marília. **RIVAS**, Alexandre (Orgs). Produzir e viver na Amazônia rural: estudo sociodemográfico de comunidades do médio Solimões. – Manaus: EDUA, 2007.

TEIXEIRA, Pery, **BRASIL**, Marília, **RIVAS**, Alexandre (Orgs). Produzir e viver na Amazônia rural: estudo sociodemográfico de comunidades do médio Solimões. – Manaus: EDUA, 2007. 192 p.

TOCANTINS. Leandro. O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. 9. Ed. Manaus: Valer/ Edições Governo do Estado, 2000.

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: **FERNANDES**, Florestan. (org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 96-116.

_____. Comunidade e Sociedade: textos selecionados. In: **MIRANDA**, Orlando. (org.). Para ler Ferdinand Tönnies. São Paulo: Editora da USP, 1995. p. 231-342.

TUAN, Yi-fu, *Espaço e Lugar*. DIFEL. A Perspectiva da Experiência. Trad. Livia Oliveira. São Paulo/Rio de Janeiro. 1983.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu, Geografia Humanística. Transcrito dos Annals of the American Geographers, 66 (2) Junho de 1976. Título original: Humanistic Geography. Tradução de Maria Helena Queiróz. In CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.) In: Perspectiva da Geografia. DIFEL, SP. 1985.

WAGLEY, C. Uma comunidade Amazônica: um estudo do homem nos trópicos. 3ª Edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

WAGNER, P.L (Ed) (variosdates) Foundations of Cultural Geography Series. Eglewood Cliffs, N.J. 1962. Traduzido por Olívia de Barros Lima da Silva. Revisão Roberto Lobato Corrêa. (N.dos Orgs.).

WEBER, M. Comunidade e sociedade como estruturas de socialização. In: **FERNANDES**, Florestan. (org.). Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Editora Nacional e Editora da USP, 1973. p. 140-143.

WITKOSKI, Antonio Carlos. *Terras, Florestas e Águas de Trabalho – Os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais/* Antonio Carlos Witkoski.- Manaus : Editora da universidade Federal do Amazonas, 2007. (Série: Amazônia: a terra e o homem).

VAZ, Florêncio Almeida. Ribeirinhos da Amazônia: Identidade e magia na floresta. Cultura Vozes – nº02. Março-Abril. 1996.

VERÍSSIMO, José. A pesca na Amazônia. Livraria Clássica de Alves & C – Rio de Janeiro/São Paulo, 1895.

SITES E ARTIGOS:

A urbanização da cidade. - Jornal do Comércio – Portal Amazônia – 16/01/2007 – KR.

CASADO, Rogelio. Mobilizações contra Construção do Porto das Lages em Manaus. - MEIO AMBIENTE E CULTURA 12/03/2009. Disponível em: <http://rogeliocasado.blogspot.com> e www.ncpam.com.

CLAVAL, Paul. “A volta do cultural” na Geografia. Université de Paris IV – Sorbonne. MERCATOR – Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 01, 2002.

Estudo Ambiental do Porto das lajes. - Disponível em:
www.lajeslogistica.com.br/Estudoambiental.asp.

HOLZER, Werther. Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI. – FFLCHI USP. – São Paulo. 1998.